

OS SÍMBOLOS DO

NATAL

O Presépio é o símbolo terreno do Natal, uma visão pastoril do nascimento de Jesus. A Árvore de Natal é a visão do céu iluminado pelas estrelas, integrando o Natal na concepção astrológica da Antiguidade. Mas o Natal-75 supera as dimensões do passado e se apresenta como um fato de natureza cósmica. Não é apenas o nascimento de uma criança mitológica ou sobrenatural. É o advento de uma nova era. A estrela mensagem dos Reis Magos transforma-se na anunciação da era sideral. A potencialidade divina do ser humano, revelada por Jesus, desenvolve-se no despertar das faculdades paranormais que permitem ao homem terreno fazer-se astronauta. Descobrimos que a Terra está envolvida pela luz das constelações. . . .

A transformação cristã do mundo não foi um momento histórico, é uma realidade contínua, quente, que nada pode deter, nem mesmo a loucura das guerras, dos crimes, da violência desencadeada pelos resíduos da brutalidade ancestral. O sonho da paz não se deixa asfixiar pelas ameaças atômicas. O homem descobre a sua imortalidade natural, integra-se na realidade cósmica imperecível. O Natal da Era Cósmica é o advento do Cristo Cósmico, redi-vivo em espírito e verdade. Essa a visão nova do Natal que este número de MENSAGEM oferece aos leitores. E que Ícaro, o nosso desenhista, interpreta na concepção gráfica desta página.



IRESP

Entrevistado por NILSON FERREIRA, o Eng. Rui Mello conta à MENSAGEM como se faz em São Paulo a reintegração social e profissional dos egressos do sistema presidiário do Estado. E pede mais compreensão para essas criaturas, na maioria desprovidas de recursos e de habilitação profissional. Miséria, ignorância e falta de orientação respondem pelos índices de criminalidade. IRESP necessita de maior apoio financeiro da Indústria e do Comércio.

Ramalho e Bartira

No desenvolvimento da série "Corpo e Alma de São Paulo" — a História de São Paulo em novas dimensões — J. HERCULANO PIRES analisa o mito de João Ramalho e Bartira e suas profundas raízes históricas. Sustenta que Ramalho era judeu e conta a história do café, a letra hebraica encontrada nas assinaturas do Patriarca de Santo André da Borda do Campo. Revolução na História: quem foi que descobriu o Brasil?

Violência

ROBERT HENRI FOURCADE manda-nos de Paris uma análise penetrante do esquema político simplório e violento do nosso tempo.

J. AMARAL SIMONETTI estuda o problema da violência, seu primarismo brutal e suas consequências desumanas em todo o mundo. Quais os motivos da onda de violências que devasta as nações? Porque o homem civilizado retorna à selvageria? Porque voltamos ao fanatismo das guerras de religião?

ERICO VERÍSSIMO

Escritor profissional

ignorantes, que o grande escritor não morreu, pois a morte não passa de um fenômeno biológico, como o nascimento, em que o ser se transfere — necessariamente — de uma dimensão da existência para outra.

No caso particular de Erico Veríssimo o que nos parece importante assinalar é a sua posição humanista, voltada para a compreensão e a solução dos problemas humanos. Tanto na primeira parte de sua obra, que culmina em Olhai os Lírios do Campo, romance-mensagem contra a ganância e o imediatismo da civilização do lucro, quanto na segunda parte, que se alarga na epopéia de O Tempo e o Vento e se encerra com Incidente em Antares, uma visão trágica da desvalorização do homem na política dos coronéis, Erico mantém a mesma linha ideológica da luta pela preservação dos valores humanos. Essa mesma linha ele sustentou ao receber em São Paulo o troféu de Intelectual do Ano, conferido pela União Brasileira de Escritores em 1967, quando se manifestou contrário a todas as formas de violação dos direitos humanos.

Doutor honoris causa por Universidades norteamericanas, recusou título dessa categoria da Universidade do Rio Grande do Sul, por estar a mesma sob intervenção e em virtude dos enxurgos de alunos e professores ali ocorridos na ocasião. Todas essas atitudes nos mostram a inteireza de um caráter de intelectual consciente de suas responsabilidades culturais. Essa conjugação de vida e obra fazem de Erico Veríssimo um exemplo de dignidade no exercício da sua profissão de escritor. Porque ele foi realmente um escritor profissional e um dos poucos que conseguiram até agora, no Brasil, obter os rendimentos necessários no campo de suas atividades literárias.

Se encararmos a morte de Erico na perspectiva existencial, podemos dizer, com Sartre, que ele realizou a sua essência na existência. E podemos acrescentar, com Heidegger, que ele se completou na morte. É natural sentirmos a sua partida para outras dimensões da vida, mas

não é justo continuarmos apegados à tradição das carpeídeas. O certo seria recebermos o fato com naturalidade, procurando ressaltar a grandeza da sua personalidade, o valor e a significação de sua vida e sua obra. Assim, não acentuaríamos a falsa imagem de um escritor morto, mas a imagem real do escritor que continua vivo, não só nas suas obras, mas também na imortalidade memorial da tese positivista.

É importante ressaltar esse aspecto, pois a atividade literária tem sido entre nós um campo de sacrifícios permanentes para o escritor verdadeiro e um palco de exibicionismo ou de busca de prestígio social às expensas da literatura. Erico não viveu somente dessa profissão, mas conseguiu atingir um momento da sua carreira em que podia viver como escritor profissional, valorizando assim a profissão ainda hoje considerada como simples hobby. O ofício de escrever exige tempo integral de um verdadeiro operário das letras, e o seu produto é o elemento básico da formação cultural de um povo.

Erico Veríssimo, como todos os escritores brasileiros, teve de enfrentar nos primeiros anos todas as agruras do produtor que não encontra condições de trabalho nem estímulo para as suas atividades, e que mesmo depois de provar a sua capacidade e a excelência do seu produto, não conta com o mercado necessário à sua subsistência. Essa condição do escritor brasileiro é ainda agravada pelo pragmatismo do parque editorial, geralmente voltado apenas para os interesses comerciais. Esses os aspectos que nos parece oportuno ressaltar, por ocasião da morte natural e normal de um escritor que tanto contribuiu para a valorização do homem que escreve e para o enriquecimento da nossa literatura.

As obras de Erico Veríssimo aí estão, aumentando o nosso patrimônio cultural, valorizando-o perante o mundo em suas traduções, mas poucos se lembram do custo vital dessas obras, do gigantesco esforço mental realizado pelo seu autor, com dedicação e sacrifício, em favor da cultura brasileira. Se tomarmos consciência dessa realidade, em todos os seus aspectos, procurando fazer alguma coisa para melhorar as condições da produção literária em nossa terra, prestaremos homenagem mais grata e mais justa ao escritor falecido, do que todos os discursos e artigos laudatórios que pudermos pronunciar ou publicar em seu louvor.



A morte de Erico Veríssimo provocou as lamentações habituais nos meios literários, na imprensa, nas instituições culturais e políticas de todo o país. A repercussão popular foi naturalmente profunda, pois Erico soube conquistar o coração do povo. Mas levando-se em conta que Erico faleceu pouco antes de completar 70 anos de idade, quando já se debruçava sobre as suas memórias, todo esse ritual normativo revela apenas a nossa insistência em permanecer desligados da realidade e apegados a uma concepção da vida que devia ter sido superada.

Apesar da teimosia materialista, estamos numa fase da evolução científica em que os falsos conceitos do religiosismo arcaico e do negativismo pretensioso precisam ser postos, pelo menos, entre parêntesis. Já é tempo de irmos nos adaptando à nova concepção do mundo, do homem e da vida que, no limiar da era cósmica, se abre de maneira gritante aos nossos olhos e ao nosso entendimento. Já podemos afirmar, sem medo de passar por

MEIO AMBIENTE

Notícias de Brasília trazem mais uma nota feliz para as nossas esperanças no ano próximo. A luta pela defesa do meio ambiente vai ser intensificada e estruturada de maneira eficiente em todo o país. A Sudene e a Secretaria Especial do Meio Ambiente vão conjugar seus esforços e recursos, preparando pessoal habilitado para vigilância contra as formas de poluição que ameaçam num crescendo assustador o nosso equilíbrio ecológico. O avanço das técnicas de produção e a ganância desenfreada das grandes empresas levam os homens à contradição de envenenar o próprio meio em que vivem. Medidas dessa ordem precisam ser amplamente apoiadas pelas pessoas e instituições conscientes de nossa responsabilidade planetária. Esse é um novo tipo de responsabilidade que surge com a Era Cósmica. Somos os responsáveis pela Terra, nossa morada Cósmica.

São desoladoras as conclusões a que chegou a Sociedade Interamericana de Imprensa, em sua assembléia geral realizada em São Paulo no correr dos últimos dias de Outubro findo. O relatório final assinalou a supressão do direito à informação e a liberdade de expressão em nada menos de dez países sulamericanos. A pressão contra a imprensa segue em linha paralela ao desenvolvimento do autoritarismo contra as liberdades democráticas. Uma das conclusões da assembléia daSIP é a de que repórteres do hemisfério devem visitar Cuba para constatar a situação dos jornalistas cubanos nos presos pelo regime de Fidel Castro, a fim de ser enviada uma moção à ONU; "solicitando providências junto a Havana". Outra conclusão cita a Argentina, a Guatemala, São Salvador e a República Dominicana como "exemplos cruéis de que, hoje em dia, o exercício do jornalismo digno põe em risco a integridade física e até mesmo a vida".

SONDAS EM VENUS

As duas sondas soviéticas Venus-9 e 10, que desceram em Venus dia 22 de Outubro último, confirmaram em suas emissões de dados e fotos sobre o planeta vermelho a densidade de sua atmosfera e sua elevada temperatura. Para tristeza dos que sonhavam com as possi-

veis delícias do chamado "planeta do amor", não há nenhuma esperança de que o homem terreno possa descer em Venus. Os próprios instrumentos das sondas não conseguem suportar por muito tempo a pressão atmosférica e a intensidade do calor. As duas sondas pararam de funcionar após cinquenta e poucos minutos de atividade. Não obstante, forneceram dados e fotos de grande interesse para conhecimento das condições do solo e da atmosfera de Venus.

SAKHAROV

Nada menos de 242 membros da Academia de Ciências da URSS assinaram o comunicado da instituição condenando a concessão do Prêmio Nobel da Paz ao famoso físico, cognominado "o pai da bomba soviética de hidrogênio". Sakharov é hoje o líder da luta pelos direitos humanos na União Soviética e o Governo não lhe concedeu o direito de ir a Estocolmo receber o prêmio. Mais um episódio que demonstra o perigo dos regimes extremistas, seja de esquerda ou direita, por suas tendências à supressão das liberdades humanas. O predomínio da política ideológica esmaga indivíduos e instituições, sujeitando as nações à condição massiva dos estados teocráticos do passado. Quando não é em nome de Deus que as liberdades são violadas, é sempre em nome do Estado. Só o respeito pela condição humana, pelos direitos do homem, pode salvar o mundo das contradições dolorosas do momento presente. Não há clima para o amor e o respeito ao homem nos regimes de massificação.

MENINGITE

Chegamos ao fim do ano com a notícia feliz de que a luta contra a meningite foi realmente eficaz. Cerca de 90 milhões de pessoas foram vacinadas em todo o país, e continua a aplicação preventiva em regiões mais afastadas. O Brasil esteve à beira de uma infestação arrasadora de meningococos, mas a ação imediata das autoridades, sob orientação e controle do Ministério da Saúde, praticamente iminuiu-o contra o perigo iminente. Sanitaristas do Ministério lembram, entretanto, a necessidade de permanente conscientização da população quanto ao perigo da meningite e quanto à possibilidade de neutralizá-lo pela vacinação. No cor-

rer de 1976 as providências prosseguirão. A colaboração da França foi de importância decisiva para o nosso êxito nessa luta. E graças aos entendimentos com o Instituto Merieux, continuaremos a contar com a ajuda francesa. No primeiro semestre do ano próximo será instalada no Rio a usina de produção de vacinas, cedida por aquele instituto francês, que garantirá nos anos próximos a nossa autossuficiência nesse setor. Causa estranheza a notícia de que dificuldades alfandegárias retardaram a retirada do material enviado da França para montagem da usina. O Ministério da Saúde tomou providências contra esses embaraços.

TABLOIDES

Uma prova da nova mentalidade que está surgindo no Brasil, apesar dos pesares, é a proliferação dos tabloides. Até alguns anos atrás os tabloides eram considerados invendáveis. O povo só queria jornais maços, avaliando os órgãos de imprensa pela quantidade de páginas e o volume de papel. Essa avaliação quantitativa está mudando para qualitativa. Já se começa a compreender que jornal não é papel de embrulho. Três novos tabloides estão nas bancas: DESTAQUE jornal de artes da Editora Rondon, com reportagens especializadas; AQUI SÃO PAULO, semanário de atualidades, direção de Samuel Wainor; e VERSUS, bimestral de reportagens, idéias e cultura, da Editora Versus, com apresentação gráfica altamente sofisticada. MENSAGEM agradece a boa companhia.

VIGILANCIA

A vigilância sanitária se volta a agora contra a ameaça da Cólera, terrível doença infecciosa que ressurgiu na Europa recentemente a ameaça os demais países, inclusive o nosso. As autoridades sanitárias tomaram medidas preventivas e esperam fazer abortar mais essa ameaça. Ao lado dessas formas de antigas epidemias e de alguns surtos de novas doenças, como a encefalite, não seria demais inscrever-se na agenda sanitária outro tipo de cólera, de origem psicológica, que se desencadeou no mundo através das práticas da violência em todos os setores e atingiu também o nosso país. Mas exige ainda a atenção dos sanitaristas (além dos setores especializados) o

surto crescente de uma doença que já se começa a chamar de "automobilite" e que diariamente produz um número assustador de vítimas, enchendo hospitais e necrotérios. Se não houver providências enérgicas a respeito, poderemos escapar da meningite e da peste, mas seremos arrazados pela violência do homem contra o homem e pela loucura do trânsito nas ruas e estradas. A vacina contra isso seria uma campanha de valorização da vida, nos moldes se vem fazendo contra o suicídio.

"A VIAGEM"

A novela "A Viagem", de Ivani Ribeiro, que está sendo exibida pelo Canal 4, TV Tupi, sugere a possibilidade de um esforço de nossas emissoras de TV na luta contra a violência que vem desumanizando o homem. Não é propriamente uma novela espírita, nem uma adaptação de livro psicográfico de Chico Xavier, mas uma criação original da conhecida novelista, colocando os problemas humanos do dia a dia numa perspectiva de melhor e mais clara compreensão espiritual. A contribuição espírita aparece nessa novela como a católica ou a protestante aparecem constantemente em novelas, filmes, peças teatrais, procurando despertar no homem atual o sentimento da transcendência da natureza humana. Nesta época em que, pelo menos, há no mundo uma abertura ecumênica para as questões espirituais, é possível a utilização de todos os recursos eficazes, sejam desta ou daquela corrente de pensamento, para acordar o homem da sua embriaguez pragmática e materialista, mostrando-lhe a responsabilidade espiritual da vida. Mas para isso é necessário seguir o processo iniciado por Ivani, ou seja, o de captar o transcendente na própria imanência do cotidiano, na rotina natural da nossa vida social, sem descambar para o sermonário disfarçado. Enquanto as teorias negativas infiltram-se nos meios de comunicação, semeando a a descrença e o desespero, as doutrinas espiritualistas, que sustentam a grandeza e a dignidade da criatura humana, são consideradas marginais. Ivani Ribeiro abriu uma nova frente na comunicação pela TV, com verdadeiro tacto feminino, jogando com a realidade objetiva da vida em nosso tempo e tirando dos seus contrastes a lição de humanismo de que carecemos.

Canção de Natal

Herculano

Terna canção de amor quero elevar
neste Natal de angústias e tormentos.
Notas suaves de piano a dedilhar
as teclas de suspiros e lamentos.

Volto ao passado, aos poetas do absinto,
às cadências de amor do romantismo.
quero escapar ao fogaréu do instinto
que em cinzas transformou o Cristianismo.

Quero Jesus e a Estrela de Belém,
os Reis Magos aos pés da manjedoura,
anjos cantando no horizonte, além,
para embalar no sonho a virgem loura.

Quero o Natal da infância, o meu Natal
com vaquinhas e ovelhas de lã branca,
sem lógica ou história, intemporal,
com a poesia do amor que o ódio espanca.

Quero também a árvore do sonho,
carregada de doces e presentes,
iluminada como o céu risonho
e cercada de amigos e parentes.

Podem dizer que sou um saudosista,
um quadrado, um corôa carcomido.
É mais belo sonhar como um artista
que saltar e gritar ensandecido.

Jesus amava os simples e as crianças,
ensinava o amor às criaturas.
Semeador de alegrias e esperanças,
condenava estroinices e loucuras.

Quero o Natal com música apropriada,
como a canção dos sinos de Belém.
nada de fox, samba ou batucada,
de inovações de não se sabe quem.

Quero velinhas trêmulas acesas
com fósforos de caixa, com palitos,
nada de isqueiro a gás ou mais surpresas
que possam detupar o antigo rito.

Que não me inventem discos-voadores
ou mísseis terroristas, genocidas,
o menino Jesus não quer terrores,
quer alegria e paz em nossas vidas.

Mas não se esqueçam, quero a estrela de ouro
no presépio de amor de São Francisco,
e uma estrela de prata, sem desdouro,
na Arvore de Natal em brilho pisco.

São Francisco de Assis fez o presépio,
Lutero fez a árvore estrelada,
homenagem da terra em barro sépio,
reverência do céu em luz prateada.

Meu presépio de infância, intemporal,
me fez viver a infância de Jesus,
cresci depois, cresceu o meu Natal
e descobri a árvore da luz.

Passei iluminado a mocidade.
E hoje quero, maduro, quase velho,
o meu natal de espírito e verdade
que Jesus prometeu no Evangelho.

Editoriais

ESPÍRITO HUMANO DO NATAL

O aspecto lendário do Natal tem o encanto das lendas orientais e cumpriu a sua função emotiva ao longo de quase dois milênios, alentando no coração humano o sentido da transcendência. Mas o desenvolvimento da razão e consequentemente do conhecimento, da cultura, levaram o homem a repelir a lenda e cair na descrença. Hoje estamos numa era de ceticismo e o Natal é geralmente encarado como simples tradição. É necessário redescobrir o sentido humano do Natal e reintegrá-lo na perspectiva histórica e humanista a que ele realmente pertence, sem tirar-lhe, entretanto, a beleza e o encanto dos seus aspectos lendários.

Jesus não nasceu como um deus mitológico, mas como um homem, tendo pai e mãe, irmãos e irmãs, como vemos nos relatos evangélicos. Descendia de uma linhagem judaica, viveu e morreu como judeu. Mas tendo vivido na era mitológica, era natural que sofresse as deformações da cultura do tempo, que o transformaram num mito, também este bem definido — o mito grego do Cristo, correspondente ao mito judeu do Messias. O desconhecimento dos fenômenos paranormais impediu a compreensão da sua conduta, que só o mito podia explicar. Compreendendo isso, ele mesmo declarou que os prodígios que lhe atribuíam estavam ao alcance de todos, que poderiam até mesmo realizar prodígios ainda maiores. A sua divindade não era um privilégio, pois todos somos divinos em essência, e a sua ressurreição não era um milagre, pois todos morremos para ressuscitar.

O sentido humano do Natal decorre de suas próprias palavras, de seu próprio ensino. Encarnou-se por abnegação, como uma criatura abnegada se transfere da civilização para as selvas

a fim de ajudar os selvagens e salvá-los da ignorância e da miséria, da violência das paixões animais, ensinando-lhes a viver como criaturas humanas. Filho de Deus, como todos o somos, jamais negou que era também filho do homem. Integrado na humanidade, servia-se da sua superioridade espiritual para ajudar-nos a atingir o seu nível de evolução. Imolou-se por amor aos homens, para ensinar pelo exemplo que a violência é própria dos brutos e não da criatura humana. Jamais empregou os seus poderes para oprimir alguém ou conquistar posições transitórias entre os poderosos do tempo.

O Natal é a evocação de um ato de amor — o ato da encarnação de Jesus por amor aos homens. Quando tomamos consciência disso, o aspecto lendário do Natal se reveste de elevados significados simbólicos. É nesse sentido que devemos entender a lenda poética que se transformou numa desfiguração fantasiosa do Cristianismo. Não há mais razão para continuarmos apegados a um passado morto. Estamos na Era da Razão, às portas da Era do Espírito, em que todas as coisas vão sendo esclarecidas, desde a estrutura da matéria até o mistério da vida e da morte. Mais que a grandeza do mito e a beleza da lenda, devemos ver em Jesus de Nazaré a grandeza do Homem que soube morrer para nos ensinar a viver como homens. O nascimento de Jesus marcou na Terra o nascimento de um novo mundo. Tenhamos confiança na força do seu ideal de uma humanidade dignificada pelo respeito a si mesma. Nunca estivemos mais distantes desse ideal do que neste momento, quando o mundo parece retroceder aos tempos de barbárie. Mas talvez estejamos, apenas, atravessando a porta estreita.

UMA BANDEIRA CÓSMICA

Não é ato nem por acaso que se desfalda uma bandeira cósmica sobre um país de dimensões continentais. Os homens que derrubaram o Império para construir a República no Brasil nem sequer sonhavam com as conquistas atuais da Astronáutica. Não obstante, a intuição do futuro, num fenômeno de precognição coletiva, levou-os a buscar no céu o modelo cósmico para o desenho da nova Bandeira Nacional. Como uma abertura no centro geométrico do retângulo verde das nossas matas e do losango amarelo das nossas riquezas auríferas, colocaram a esfera celeste e as constelações brancas da noite da proclamação.

O que então parecia uma simples fixação do passado, hoje se revela como antevisão do futuro. A Bandeira Brasileira é um prenúncio que deve alentar-nos nesta hora angustiosa do mundo em conflito. Acima de todas as tropéias atuais, a esfera azul da nossa bandeira rasga o futuro cósmico da Pátria, na faixa celeste em que brilha a constelação do Cruzeiro do Sul. A cruz de estrelas acentua o impulso de transcendência da alma brasileira, que se projeta no infinito guiada pelos princípios cristãos de nossa formação nacional.

Nenhuma bandeira dos países do mundo conseguiu sintetizar em sua significação heráldica, de maneira tão perfeita e arrojada, o corpo, a alma e o destino da nação simbolizada. Compreendendo o significado de cada um dos seus símbolos, encontramos no panorama geométrico do nosso pavilhão a realidade terrena do País, os anseios psicológicos da Nação e a promessa celeste de integração do Povo na Comunidade Cósmica. Nossa Bandeira confirma, assim, fincada no chão do passado e desfaldada no céu do presente, as profecias da liderança espiritual do Brasil no mundo de amanhã.

Não são os foguetes e as sondas espaciais que figuram nessa precognição, mas os astros do nosso hemisfério, porque a liderança espiritual não decorrerá das conquistas tecnológicas e sim do desenvolvimento moral e espiritual do Brasil, com sua democracia racial estruturada na fusão das raças e dos sentimentos humanistas da nossa gente. Aos espíritos superficiais pode parecer que esta interpretação de nossa Bandeira seja apenas um arroubo de nacionalismo extremado. Longe disso,

é uma inspiração do próprio lema de Ordem e Progresso do nosso estandarte nacional, cujo sentido humano implica o desenvolvimento de um futuro de paz e prosperidade na comunidade geral das nações, sem os conflitos internos e externos deste momento.

As profecias sobre a posição do Brasil no futuro do mundo começam na carta de Pero Vaz Caminha anunciando ao El Rei a descoberta da nova terra, prosseguem nos sonhos dos bandeirantes e nas esperanças populares que foram crescendo ao longo de toda a era colonial e eclodiram no episódio trágico-romântico da Inconfidência Mineira, com o heróico martírio de Tiradentes. Nossa literatura está carregada de profecias nesse sentido, desde a lírica rústica de Anchieta até à poesia, a ficção e o ensaio do nosso tempo. O Hino Nacional Brasileiro e os demais hinos oficiais foram forjados nessa mesma inspiração.

Do estrangeiro podemos assinalar, entre muitas manifestações espontâneas, a profecia de D. Bosco sobre Brasília, as referências alegóricas de Nostradamus ao Brasil, numerosas publicações de sábios e estudiosos que nos visitaram e mais recentemente livros como o de Stephan Zweig, "Brasil, País do Futuro", previsões de futurólogos atuais, as profecias modernas de Pietro Ubaldi e as comunicações mediúnicas recebidas por Francisco Cândido Xavier, entre as quais se destaca o livro psicográfico de Humberto de Campos, "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho".

Todas essas previsões vêm sendo confirmadas através do desenvolvimento acelerado de nossa terra, de sua posição cada vez mais definida no panorama internacional e na formação de uma mentalidade tipicamente humanista do nosso povo. Aos que exageram os aspectos negativos e conflitivos da nossa História e da atualidade — num mundo cheio de agitações e atrocidades — nosso povo responde com uma fé tranquila e firme no futuro. Não se atribua, pois, a qualquer tipo de chovinismo a nossa apreciação da Bandeira Cósmica. Ela decorre de uma realidade histórica e anímica, que tem suas raízes nos fatos históricos, em avaliações objetivas de observadores estrangeiros, nas aspirações permanentes do povo brasileiro e nas previsões paranormais, hoje cientificamente consideradas como uma forma real de percepção do futuro.

IRESP - Reintegração social de presidiários

A publicação da magnífica entrevista do Dr. Manuel Pedro Pimentel, Secretário da Justiça do Governo do Estado, em nosso número anterior, levou para todo o Brasil as informações precisas sobre as providências que estão sendo tomadas em nosso Estado para a humanização dos presídios, cuja situação desumana em todo o mundo é uma das manchas mais desonrosas da nossa civilização. O assunto é dos mais complexos e tem desafiado os especialistas, mesmo nas nações mais adiantadas. Para dar o necessário desenvolvimento à questão, destacamos o nosso companheiro

NILSON FERREIRA

para entrevistar o Eng. Ruben de Mello, diretor do IRESP, Instituto de Reintegração Social e Profissional. Nosso entrevistado tem no seu currículo de atividades vasta folha de serviços à coletividade: diretor da Federação e Centro das Indústrias do Estado, presidente do Sindicato de Serrarias, conselheiro do SENAI, diretor da Campanha Paulista de Estradas de Ferro, engenheiro civil e diretor de Indústrias madeiras, campo em que milita há cinquenta anos.

Atualmente o Eng. Ruben de Mello empenha-se no desenvolvimento do IRESP, com plena consciência da gravidade do problema que enfrenta, de importância fundamental para a humanização do homem e da sociedade, nesta fase de exasperante desumanização por que estamos passando no mundo.

Encerramos nossas explicações aos leitores e passamos ao texto da entrevista realizada por Nilson Ferreira, que se constitui num documento da mais alta importância, provando a existência dos homens de boa vontade que lutam pela paz na Terra. É um presente de Natal aos nossos leitores, lembrando a legenda natalina: "Glória nas Alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade".



— Há muito que o sr. se dedica a estudos relativos à reintegração do ex-presidiário na sociedade?

A minha atuação neste campo se iniciou com a criação do IRESP o que se deu no Rotary Clube de São Paulo que, em 1971, iniciou as pesquisas e estudos que levaram à fundação do IRESP em abril de 1972.

— Poderá nos resumir o que vem a ser o Órgão dirigido por V.S.?

O Instituto de Reintegração Social e Profissional — IRESP — foi fundado a 6 de abril de 1972 com sede e foro na cidade de São Paulo e é mantido por um número ilimitado de associados que podem ser pessoas físicas ou jurídicas. Trata-se, portanto, de uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, políticos ou religiosos, regida por estatutos próprios e legislação aplicável. Seu âmbito de ação abrange todo o Estado de São Paulo. O IRESP tem como objetivo geral a reintegração social de egressos dos Institutos Penais do Estado.

— Existem outros semelhantes em São Paulo?

Em São Paulo não. Conheço instituições semelhantes no Rio Grande do Sul.

— O IRESP recebe subvenções estatais.

Sim, desde o ano passado o IRESP recebe subvenção do CEAS — Conselho Estadual de Auxílios e Subvenções.

— Quais os Departamentos que compõem o IRESP e suas respectivas atribuições?

A par do setor administrativo com atividades idênticas às de qualquer insti-

tuição (Contabilidade, Pessoal, etc) o Instituto é composto por um setor técnico que abrange as áreas de — Serviço Social, Psicologia, Assistência Jurídica, Médico-Psiquiátrico e Médico-Clinico. Dispõe também de uma Casa de Estágio com 18 vagas destinadas ao alojamento provisório de presidiários que não têm onde morar e ainda desempregados ou recém-empregados. Nas dependências do IRESP há uma Oficina de caráter ocupacional destinada, além de proporcionar algum rendimento aos egressos que aguardam colocação profissional definitiva, a formação de aptidões para o trabalho. Por outro lado é nessa Oficina que se tem possibilidade de avaliar as condições mínimas para o trabalho como agilidade, concentração, assiduidade, relacionamento, etc.

— Os egressos procuram o IRESP voluntariamente porque o Instituto é particular e portanto seus serviços prestados ao ex-presidiário são facultativos. Estima-se que cerca de 10% dos egressos de todo o sistema penitenciário estadual procure o IRESP. No entanto, face aos recursos disponíveis no IRESP bem como sua capacidade de atendimento, esse percentual já está próximo aos limites de saturação.

— Que modalidade de assistência o IRESP presta ao ex-presidiário — religiosa, social, material, etc.?

O IRESP presta um atendimento altamente individualizado que é efetuado por uma equipe de profissionais (assistente social, médico clínico bio-psico-social que supõe diagnóstico, prognóstico —

quanto a adaptação social e tratamento. Paralelamente ao estudo bio-psico-social o ex-presidiário e sua família são orientados e se necessário assistidos em termos de Albergue, Alimentação, Assistência Jurídica, Colocação Profissional, Documentação, Escolarização, Lazer, Passes para retorno ao local de origem, Profissionalização, Serviços Assistenciais Diversos, Tratamento de Saúde etc. Para tanto é filosofia do IRESP a plena utilização dos serviços de outras entidades públicas ou privadas de São Paulo no sentido não só de racionalizar despesas, mas, especialmente, de oferecer a sua clientela, de acordo com as necessidades de cada caso, um atendimento mais específico e eficiente.

— O IRESP acompanha a reintegração do ex-presidiário na sociedade, isto é, fiscaliza sistemática e periodicamente seu comportamento?

R. Sim, durante o período do estudo bio-psico-social. A duração do estudo varia de caso para caso. O prazo médio é de 3 meses. Após o estudo e uma vez colocado profissionalmente cada egresso é ainda acompanhado por 6 meses.

— A Indústria e o Comércio têm aceitado o ex-presidiário sem relutância?

Sim nos empregos menos qualificados, como faxineiro, servente de pedreiro, serviços gerais, etc que infelizmente são os disponíveis para a maioria dos egressos que acorrem ao IRESP face a seu despreparo para empregos mais qualificados. Neste último caso, contudo, a aceitação se faz com alguma relutância quase sempre superada pela intervenção

do trabalho do Assistente Social do IRESP na empresa empregadora.

— O IRESP também dá assistência à família do ex-presidiário?

O estudo bio-psico-social do cliente supõe um trabalho junto à família, no sentido de habilitá-la a se constituir no suporte para o processo de reintegração social do ex-presidiário. Sempre que necessário a família é orientada e encaminhada aos recursos existentes na comunidade, tendo em vista suas necessidades de assistência.

— Como procede o IRESP para bem encaminhar o ex-presidiário?

O que o IRESP pretende é promover, através de mudanças de comportamento no egresso, seu ajustamento consigo próprio, com outros indivíduos e sua adaptação racional ao meio sócio-cultural. Nesse sentido a reintegração social supõe, em última análise, um posicionamento do ex-presidiário perante certos valores da Sociedade, entendida esta como meio a que irá retornar. Ou seja, o IRESP pretende como mínimo para que se configure a reintegração social que o egresso seja capaz de trabalhar e não voltar a delinquir.

Dessa forma, para encaminhar o ex-presidiário o IRESP adota procedimentos técnicos-científicos fundamentados nas ciências sociais e do comportamento, de vez que o estudo do delinquente e do processo para sua reintegração social confunde-se com o estudo do Homem e da própria Sociedade como um todo.

— Quais os problemas mais graves que o IRESP tem encontrado com a reintegração do ex-presidiário na sociedade?

IRESP - Aprendizado e produção na oficina

O mais grave creio que é o despreparo do ex-presidiário para reintegrar-se na Sociedade. A grande maioria da clientela quando chega ao IRESP é constituída por egressos desqualificados profissionalmente, semi-alfabetizados, não documentados e sem dispor de roupas suficientes. Em segundo lugar tenho observado que o egresso é de modo geral imediatista porquanto prefere uma colocação profissional imediata a frequentar um curso profissionalizante que lhe permita a médio prazo um emprego melhor remunerado. O que torna o problema ainda mais complexo é o fato de que os próprios cursos profissionalizantes oferecidos pela comunidade são seletivos e apresentam certas exigências de escolaridade, faixa etária, periodicidade e horário nem sempre compatíveis com as possibilidades do egresso. Além disso, na maioria das vezes, a situação financeira do egresso e de sua família é de tal maneira aflitiva que ele realmente não se pode dar ao luxo de frequentar cursos. Seu tempo deve estar exclusivamente voltado à imediata ampliação do orçamento familiar. Em terceiro lugar eu diria que o preconceito ou imagem inadequada que a Sociedade tem do egresso dificulta sobremaneira sua reintegração social.

CONTAMINAÇÃO CARCERARIA

— Quais os problemas mais graves do ex-presidiário ao retirar-se da prisão?

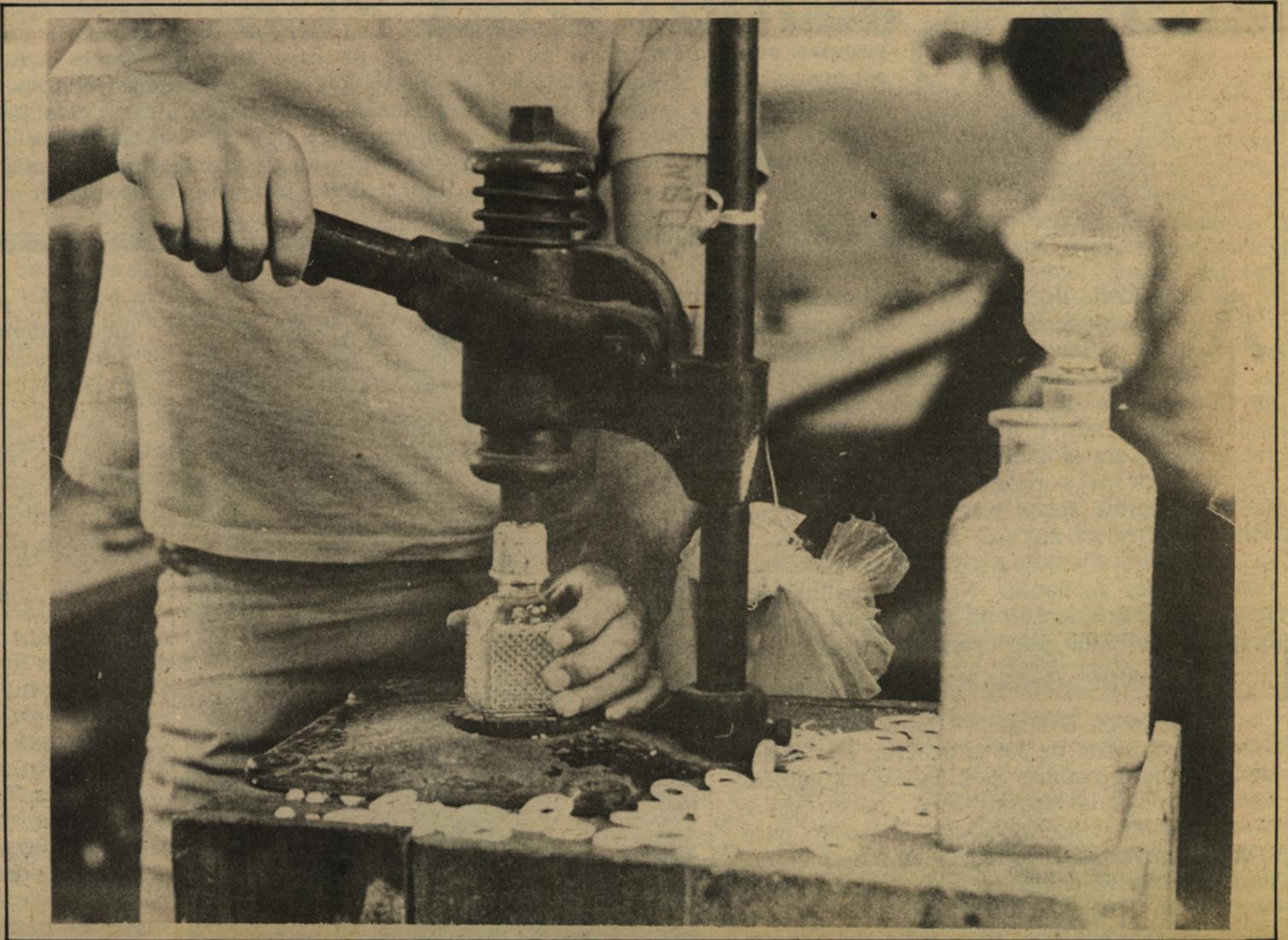
Esses problemas são muito complexos para que se possa determinar quais os mais ou menos graves. Encaro como problemas consideráveis, por exemplo, o fato de as vezes o ex-presidiário sair do presídio mais predisposto ao delito do que quando foi preso, pelo fato de ter sido vítima da "contaminação carcerária". Ou o fato de não encontrar pontos de apoio, na Sociedade e na sua própria família, para que possa reintegrar-se. Enfim são inúmeros os problemas com que se defronta o ex-presidiário ao retirar-se da prisão.

— O ex-presidiário deixa as prisões em condições psicológicas para bem reintegrar-se na sociedade? Porque?

De modo geral as prisões parecem não favorecer essas condições psicológicas uma vez que o preso é quase sempre desnecessariamente afastado do convívio social, o que na melhor das hipóteses o embrutece. Além disso o Poder Público não dispõe ainda de recursos suficientes que permitam um tratamento penitenciário tendo em vista preparar o apenado para o retorno à Sociedade. Estive recentemente em visita ao Rio Grande do Sul onde pude verificar que o problema do egresso de presídio é minimizado pelo fato de lá existir uma legislação que facilita o trabalho do preso em regime de semi-liberdade, desde que o mesmo preencha alguns requisitos mínimos. Tal sistema propicia o reingresso do apenado na Sociedade de maneira suave, em etapas em que inclusive se tem oportunidade de testá-lo. Uma vez colocada em liberdade a maioria dos apenados, naquele Estado, está devidamente empregada, não se submete a situação de hostilidade e frustração e portanto deve estar em condição psicológica que favoreçam sua reintegração social.

— O sistema penitenciário precisa ser reformulado? Porque?

— Penso que sim tendo-se em vista que a moderna Penologia propõe métodos mais eficazes e diferenciados dos empregados tradicionalmente para combater e eliminar as causas de determinados comportamentos socialmente inaceitáveis. Há uma nova perspectiva para o apenado: a dinâmica do seu comportamento passa a merecer mais atenção do que propriamente as causas estáticas do delito que cometeu. Ele passa a ser visto como um doente social e como tal deve ser objeto de um tratamento especializado e individualizado. Tratamento esse que supõe triagem através da qual se retirarão do convívio social normal apenas os casos de periculosidade acentuada e os casos sem possibilidade de readaptação social. Mesmo assim o presídio fechado deve se constituir em parte de um plano destinado a favorecer e prepa-



rar a reinserção daqueles casos na Sociedade. Assim sendo penso que a sentença e o tratamento do apenado devem basear-se no conhecimento e na valorização do ser humano autor de um delito e não no ato isolado de um indivíduo que motivou uma intervenção da Justiça. Nessa reformulação o presídio deixa de ser uma Penitenciária e passa a ser uma Casa de recuperação, reeducação ou ressocialização.

INDICE DE ATENDIMENTOS

— Qual o número de ex-presidiários atendidos ou cadastrados pelo IRESP? Desde o início de seu trabalho, há pouco mais de 3 anos até meados de novembro do corrente ano passaram pelo IRESP cerca de 870 egressos de presídios.

— A sociedade aceita facilmente o ex-presidiário?

— Não. Infelizmente verifica-se de maneira geral que a Sociedade nunca se preocupa com o presidiário ou com as possíveis causas — quase sempre decorrentes de problemas sociais — que o levaram aquela situação.

É um problema de imagem. A Sociedade cria estereótipos: "o louco", "o trombadinha", "o delinquente", e comumente os afasta de seu convívio através da prisão pura e simples. Assim todos os tipos de delinquentes e infratores, al-

gumas vezes incluindo doentes mentais, são trancafiados numa única instituição: a Prisão. A Sociedade não está preocupada se nessa prisão há ou não um tratamento adequado. Preocupa-se apenas que o preso não fuja. A Sociedade ainda não se apercebeu que o equacionamento do problema da criminalidade nos grandes centros urbanos dificilmente se efetuará sem a sua participação.

O IRESP sofre diretamente as consequências dessa discriminação de vez que em tese é mantido por empresas privadas através de contribuições mensais. Na prática ocorre que sua receita é mínima e bastante inferior às suas despesas: os empresários preferem contribuir para creches, asilos e outras obras sociais que não trabalhem com ex-presidiários.

— Qual sua opinião sobre nossa entrevista com o Exmo. Sr. Secretário da Justiça do Estado de São Paulo?

— Excelente entrevista. Devo afirmar que o IRESP está absolutamente concorde com a política do atual Secretário da Justiça. O IRESP está inclusive representado no Grupo de Trabalho "Casa do Albergado" daquela pasta e no momento estuda a possibilidade de, além dos egressos de presídios, vir também a atender albergados.

— Quais suas sugestões ou planos para a reintegração total do ex-presidiário e qual sua opinião para um melhor sistema penitenciário?

— Para um melhor sistema penitenciário sou favorável à formulação de uma Política Penitenciária a nível federal, tendo em vista o estabelecimento de programas adequados de ressocialização e das respectivas previsões de recursos que se fazem necessários. É de se ressaltar aqui a importância do trabalho preventivo da delinquência, ou seja, do trabalho com a família e o menor carentizados.

Quanto à reintegração total do ex-presidiário penso que será mais efetiva na medida em que o tratamento penitenciário se fizer mais eficiente. Além disso, penso que haveria um grande avanço nesse aspecto se a Sociedade em geral, e as comunidades em particular, passassem a participar no equacionamento da problemática da criminalidade e se o Poder Público, nas esferas municipal, estadual e federal, passasse a aceitar o ingresso de ex-presidiários, que já cumpriram suas penas, no funcionalismo público. Que minhas palavras finais a MENSAGEM sejam um apelo: menos discriminação e mais humanização para os ex-presidiários.



NATAL: LENDA E HISTÓRIA

DESFAZER uma lenda é como despetalar uma flôr. A lenda nasce da imaginação popular, como a flor nasce da terra. Mas, no caso do Natal, lenda e realidade se conjugam numa vivência histórica de quase dois milênios. Impossível despetalar essa flor milenar sem ferir a realidade histórica. Mas é necessário dividir os dois campos, o da lenda e o da realidade, para que a verdade sobre o Natal se imponha às mentes positivas, anulando pelo menos em parte os motivos da descrença que avassala o século. É o que procuramos fazer neste trabalho, com a única intenção de esclarecer o problema.

A realidade do Natal, longe de diminuir a grandeza do Mestre, só faz aumentá-la. A lenda é como um poema elaborado pela imaginação mitológica para homenageá-lo. A lei do mito, como assinala Untersteiner, é a metamorfose. Os homens da era mitológica, em que Jesus nasceu, não separavam a razão da imaginação. Só podiam aceitar Jesus transformando-o num mito. Mas hoje, na era da razão, o mito é naturalmente rejeitado e a descrença se instala nos corações vacilantes. Nosso trabalho pretende mostrar que não há razão para se descrever da realidade por causa do mito.

ONDE JESUS NASCEU?

Segundo os Evangelhos de Mateus e Lucas o nascimento de Jesus ocorreu em Belém de Judá, bem distante da cidadezinha galiléia de Nazaré, onde viviam seus pais. José e Maria teriam sido obrigados a viajar para Belém, nas vésperas do nascimento do menino, para atender às exigências do recenseamento de Quirino. Mas segundo as investigações históricas modernas isso não podia ter acontecido, pois o recenseamento só foi feito pelo menos dez anos após o nascimento de Jesus. Os dados sobre isso, comprovados por numerosos pesquisadores universitários, não deixam dúvidas a respeito. Então, pergunta-se, por que motivo os evangelistas registraram a lenda e não a verdade histórica?

Os Evangelhos foram escritos muitos anos depois da morte de Jesus. Durante esse período os apóstolos e os discípulos de Jesus tiveram de sustentar muitas lutas contra os judeus ortodoxos que não aceitavam o Mestre como sendo o Messias das profecias. Para que Jesus fosse aceito pelos judeus renitentes era necessário que a sua vida, desde o nascimento até a morte, estivesse rigorosamente de acordo com as profecias bíblicas. Os apóstolos e os discípulos aceitaram a lenda, que lhes parecia mais real que a própria realidade, pois não fugia das previsões proféticas. Judeus na maioria, só podiam aceitar um Messias enquadrado nas exigências da "lei". Os dogmas judaicos vinham de uma revelação do próprio Deus e era impossível ao homem tentar negá-los. Essa rígida posição fideísta, que era ao mesmo tempo alicerçada na fé e constituía o alicerce da fé, parecia-lhes natural e irretorquível. Não lhes interessavam os problemas históricos.

Sobre essa fé ingênua, que também decorria das provas que possiam da sobrenaturalidade de Jesus — um homem-deus, capaz de ensinar a verdade e produzir milagres — apoiaram-se depois as igrejas cristãs que surgiam do trabalho missionário dos apóstolos. Quando, mais tarde, a igreja de Roma assumiu a liderança do movimento cristão, a lenda do nascimento de Jesus em Belém foi completada e reforçada pelas elaborações teológicas de homens formados na cultura mitológica. A ingenuidade primitiva se revestia de uma camada cultural respeitável e a lenda se fixou como realidade divina e inabalável. Tentar criticá-la era um pecado que levaria



o atrevido à condenação das chamas eternas. Era em Belém, a cidade de Davi, que o Messias devia nascer, segundo as profecias, e isso excluía qualquer outra interpretação. Não interessava nenhum dado histórico que pudesse negar a realidade sagrada das profecias.

Quando Renan, no século passado, atreveu-se a pesquisar livremente e de maneira objetiva as origens do Cristianismo, os anátemas caíram sobre ele como os raios de Júpiter lançados sobre a campanha romana. Mas Renan não vacilou em afirmar categoricamente em sua obra monumental: "Jesus nasceu em Nazaré, pequena cidade da Galiléia que antes desse nascimento não gosava de nenhuma celebridade." Se isso fosse dito alguns séculos antes, Renan teria sido queimado vivo, pois além de tudo a Galiléia era considerada como a província impura habitada pelos gentios, pelos pagãos dissolutos. Como poderia o Messias ter nascido em Nazaré? Já não bastava ter crescido lá?

Depois de Renan as pesquisas históricas sobre o Cristianismo cresceram no mundo. Todos os anátemas foram incapazes de deter a onda de investigações independentes, prestigiadas por nomes exponenciais da cultura

moderna. E todos os pesquisadores sérios, independentes, não ligados às igrejas cristãs, confirmaram a tese de Renan. Hoje não há mais dúvidas a respeito. Os recenseamentos da Judéia, feitos por ordem dos romanos, só tinham por objetivo a cobrança de impostos. Que interesse teria Roma em deslocar as pessoas de um cidade para outra, se o que almejavam era saber com segurança onde e de quem cobrar os impostos?

A FAMÍLIA SAGRADA

José e Maria tiveram vários filhos. Viviam em Nazaré uma vida humilde e simples. Nessa pequena família operária, pois José era carpinteiro, Jesus pode ter sido o primeiro filho, mas a verdade histórica não demonstra isso. Pelo contrário, ele parece ser o último filho. Os Evangelhos mencionam irmãos e irmãs de Jesus. Guignebert, sem dúvida o mais importante dos grandes pesquisadores modernos, considera que o mito da concepção virginal e única de Jesus não nasceu na Palestina, pois os judeus não aceitavam o mito da deusa-mãe dos semitas e de vários povos da época. Esse mito se relacionava com o poder dos reis, que para serem superiores aos outros homens, deviam nascer da rainha virgem. A lenda não pode ter nascido na Judéia, o que prova o silêncio de Marcos e João, bem como de Paulo e os demais apóstolos em suas epístolas do Novo Testamento, sobre o nascimento virginal.

Os próprios relatos evangélicos deixam claro que a Sagrada Família não se compunha apenas de três membros. E deixam perceber que Jesus destacou-se entre os irmãos, sendo o único a impor-se ao povo como um guia espiritual. Era único nesse sentido e não como filho único. Na Carta aos Gálatas, 4:4, o Apóstolo Paulo é decisivo, afirmando: "Deus enviou seu filho nascido de mulher, nascido sob a lei, a fim de que ele resgatasse todos os que estavam sob a lei." Isso quer dizer que, para salvar os homens, segundo a tradição bíblica, Jesus teria de viver como homem, sob o jugo da lei mosaica. O nascimento virginal é contraio a essa tradição e transforma Jesus numa entidade mitológica.

RELATOS FANTASIOSOS

Os historiadores se recusam a tratar do que consideram como relatos fantasiosos dos Evangelhos, geralmente de Mateus e Lucas, como sejam: a aparição da estrela pegureira, a visita dos Reis Magos, a fuga para o Egito, o massacre dos inocentes por ordem de Herodes, o nascimento na estrebaria da gruta, a proteção dos animais para o menino, a anunciação dos anjos aos pastores. Todos esses relatos enquadram-se no campo da hagiografia, ou seja, das biografias miraculosas dos santos. Dessa maneira, o Natal Histórico fica reduzido ao nascimento de Jesus em Nazaré, na casa pobre do carpinteiro José e sua esposa Maria, sem nenhuma ocorrência de fatos sobrenaturais. Um parto natural, à moda da época entre os judeus, com a assis-

tência possível de familiares e de uma parteira.

JESUS MENINO

A infância de Jesus não é relatada nos Evangelhos, que se referem apenas à visita do menino ao Templo de Jerusalém onde discutiu com os doutores da lei, revelando sabedoria precoce. Esse fato é aceitável historicamente. Os meninos, ao atingir 12 anos, deviam ser levados ao Templo para a bênção da virilidade, que equivalia ao que hoje chamamos de emancipação. Mas a bênção só era concedida se o menino que revelasse conhecimentos da Torá, que era a coleção de livros básicos da Bíblia. Tinham, assim, de ser submetidos a um exame. Não há nada de extraordinário, de sobrenatural, que um menino prococe pudesse sair-se bem do exame, discutindo com os rabinos de maneira inteligente. Isso não quer dizer que o menino ensinasse novidades aos doutores da lei, que certamente se alegravam ao deparar com um menino inteligente e demoravam mais tempo em conversa com ele. Essa estória é portanto verossímil.

Sobre a infância de Jesus encontram-se muitos dados nos Evangelhos Apócrifos, que nada mais são do que cópias deturpadas, cheias de absurdos inaceitáveis, dos quatro evangelhos canônicos. A infância de Jesus decorreu, portanto, como a dos meninos judeus do seu tempo: entre os brinquedos em casa e na vizinhança, o aprendizado do ofício do pai na carpintaria e os estudos na escola da Sinagoga. Tudo o mais não passa de fantasia. Jesus só manifestou suas virtudes excepcionais na mocidade, quando, segundo expressões evangélicas, "chegou a hora de cumprir a sua missão". Livros mediúnicos ou não, publicados entre nós, relatando fatos da infância de Jesus, não merecem o menor crédito. São simples fabulários ingênuos, que não raro se servem de mistificações evidentes e ridículas, como as de Roustaing, Ramatis e outros.

A DATA DO NASCIMENTO

A data do nascimento, a 25 de Dezembro, foi fixada pela Igreja com base no mito solar das civilizações agrárias. Nessa data finda-se o inverno europeu e asiático. Os povos antigos comemoravam o nascimento do Sol, que voltava a iluminar o mundo e trazia de novo a possibilidade das colheitas, das messes. A primeira constelação a seguir no horizonte é a da Virgem, que dá nascimento ao Messias, o que traz as messes. A constelação, segundo o mito, é virgem antes, durante e após o parto, o que foi adotado pelo dogma da virgindade de Maria.

O frade Dionysius Exigus, que fixou o ano do nascimento de Jesus, errou nos cálculos. Segundo os próprios críticos da Igreja, o erro foi de 6 ou 7 anos. A verificação desse erro aumenta a idade de Jesus na crucificação. Ele devia ter, então, 39 ou 40 anos. Quanto à realidade da existência de Jesus não há dúvida. O testemunho dos apóstolos, que viveram com ele, seria suficiente para prová-la.

A editõra

PAIDÉIA LANÇA

AGONIA DAS RELIGIÕES

**As religiões estão morrendo.
Com elas morre a Civilização.**

Sermão leigo de Natal aos descrentes e ateus

IRMAOS, Irmãs e Respetivos Filhos. Não falarei aos vossos netos, porque minha voz cansada não chegaria lá. Mas podeis reter os filhos convosco, espero que me entendam. O Natal não existe só para os crentes. Na verdade ele existe mais para os descrentes e os ateus. Quando Deus se fez homem, nascendo entre os homens, foi para falar a eles e não a santos ou anjos. Quero, pois, falar a vós como um leigo falando a leigos. Isso fica muito bem num mundo leigo como o nosso e concorda com o que fez o Cristo de Deus, que também era um leigo pregando a leigos, num mundo de judeus e pagãos. Não pensem que sou contra uns e outros, faço por minha conta uma comparação e nada mais. Mas não me comparo a mim ao Senhor, e só me ponho no lugar de um serviçal d'Ele, para servir no que possível for.

O nascimento de Jesus já o sabeis como foi, apesar de vossa descrença ou ateísmo. Quem descrê não nega, só faz guardar-se de engano. E quanto aos ateus, falta-lhes apenas um M para serem evangelistas ou pelo menos um deles. Ora, como diz o ditado: "Mateus, primeiro os teus", e também já fui ateu, é justo e certo que fale primeiro a vós, antes de falar aos crentes depois da meia noite. Perguntareis porque deixei a eles para depois. Não disse o Senhor que os últimos serão os primeiros? É esse o vosso caso no tocante a esta palavras de salvação.

Sabeis também, meus irmãos (tudo sabeis mas nada fazeis) que o Senhor não veio para os sãos, mas para curar os doentes. Como os doentes, hoje, estão desprovidos de recursos para pagar médicos e hospitais, e a imprevidência os deixa na mão, o Senhor permitiu que os missionários da cura divina se multipliquem dia a dia na Terra, pois são criaturas que, não tendo cursos nem ordenações sacerdotais, não se importam de ser pagas com vossos miudos e notinhas esface-ladas de um cruzeiro. Prestai, pois, muita atenção. Não venho curar-vos mas indicar-vos o caminho possível da cura extra-terrena. A caso não estamos na Era Cósmica? Quem vos diz que esses missionários não vieram de Saturno ou Jupiter, como ajudantes de fornalha num disco voador?

Mas voltaremos ao assunto natalinos que é o nosso. Como sabeis, Jesus nasceu numa estrebaria, entre bois, vacas e cavalos, ao contrário do Buda, que nasceu num palácio real. A pobreza e a simplicidade foi a marca de toda a sua vida. E até na morte o puseram entre dois ladrões, um de maus bofes e outro bom, para se ver que não fazia distinções entre os homens, por piores que fossem. Sabeis também, pois tudo sabeis mas nada fazeis, que o Senhor foi tratado com desdém orgulhoso pelos judeus e pelos romanos, que o perseguiram, prenderam, açoitaram, crucificaram e depois deram fim no seu cadáver. Tudo isso devemos lembrar hoje, pois não seria bom ficarmos só nas coisas alegres como os anjos cantando no horizonte, os Reis Magos trazendo-lhe ofertas valiosas, a Estrela de Belém brilhando sobre a estrebaria.

Falei de novo da estrebaria e falei bem. Sabeis porque Jesus preferiu nascer ali e não na casa dos pais em Nazaré? Não foi por causa de Davi, como se diz, mas porque ele sabia que os animais inocentes e sofredores o entenderiam melhor que os homens. Nós,

homens, temos mais inteligência que os animais, mas somos orgulhosos, fúteis, estúpidos e maus. Jesus sabia que ia sofrer entre os homens e preferiu nascer entre as criaturas mais humildes da Criação de Deus. Isso nos deve tocar o coração nesta noite. Quando começou a ensinar, Jesus sempre nos indicava os animais como modelos. Sabeis, por certo, que ele dizia: "Sede simples como as pombas e prudentes como as serpentes". Sabeis, irmãos, mas não fazeis. Quando falais de vossa descrença assemelhai-vos aos saduceus atrevidos, e quando negais a existência de Deus colocai-vos acima dos outros e até mesmo acima de Deus, negando a ele o que vos deu e não tira nem mesmo na morte, que é a existência miserável que levais. Sim, miserável por vós, não por Ele, que vos deu tudo para serdes ricos e felizes, mas, como tudo negais, nada tendes.

Jesus veio lembrar-vos que sois herdeiros de Deus, mas como o negais, não podeis entrar na herança. Como poderíeis herdar de alguém que não existe? Se fosseis menos orgulhosos poderíeis entrar na partilha. Mas vós mesmos criastes esse impedimento jurídico, que nem os rábulas mais espertos poderiam afastar do caminho legal. Fico às vezes a pensar que os animais do campo, ao contrário do que pensais, tem mais inteligência do que vós, meus pobres irmãozinhos pecadores. Sois os responsáveis únicos pela vossa condição miserável e não quereis sair dela de maneira alguma. Além disso, viveis protestando contra o pressão dos riscos. Ora, não vedes que eles ao menos fingem crer em Deus, fingem servi-lo e auxiliam as obras das igrejas? Se Deus não conta com vós e recusasse a eles, com quem ficaria? Pensai com a cabeça, irmãos!

Jesus veio pobre, viveu e morreu pobre, espeznhado pelos poderosos do mundo, para vos dar o exemplo de como proceder. Mas vós, mesmo quando bem afortunados ou ricos, teimais em considerar-vos pobres, deserdados, e clamais sem cessar contra os pobres irmãos ricos.

Alegais que sois desprezados, perseguidos, presos, espancados e até mortos por causa da vossa pobreza. O Senhor também não sofreu tudo isso por vós? Sois, acaso, melhores que o Senhor? Ficai na vossa e deixai a eles na deles. Se ganhasseis na Loteca veríeis logo a desvantagem deles. A pobreza tem as suas amarguras, mas a riqueza também tem as dela. Procurai fazer o que sabeis. Sede pacientes, doces, honestos, sem fingimentos, e tereis a paz de consciencia e a leveza de coração, que são a maior riqueza. sem vos dar os incomodos da riqueza. A vida é curta e convem vivê-la sem provocar tormentas. Um dia todos morremos, e por mais fantasia que se faça, a morte é sempre a mesma para todos. A nerança do rico e do pobre é a mesma: sete palmos de terra ou as cinzas do crematorio. De que valem tantas disputas inúteis?

Não sei se consegui convencer-vos. Nem era essa a minha intenção. Que pode pretender um irmão leigo num sermão de Natal? Mas leigo também era Jesus. O que me dói é pensar nas crianças que ficaram sem pai neste Natal por vossa culpa. Mas quem sabe se consegui tocar um pouco na vossa consciencia? Isso me deixa tranquilo. Ficai tranquilos também. O mundo é uma bola e não para nunca de girar. Ide na paz de Deus!

CORPO E ALMA

2 • O DEUS DO MAR

NA mitologia brasileira a figura de João Ramalho é o mito genético da Nação. O Brasil começa nele e com ele. Como todos os mitos, Ramalho não é apenas lenda, mas uma lenda de raízes históricas, solidamente firmada na realidade dos fatos e dos documentos. As disputas históricas a respeito não versam sobre a historicidade dessa figura, mas sobre a data do seu aparecimento em nossa terra. Uma questão puramente cronológica, mas de consequências que podem modificar as próprias bases da História do Brasil e da América. Por isso a figura de Ramalho permanece obscura, envolta num denso nevoeiro de paixões e até mesmo de preconceitos. Mais um motivo — e forte motivo — para que historiadores independentes e corajosos se atirassem de corpo inteiro nesse mar de névoas, procurando restabelecer a verdade.

Não pretendemos tanto neste trabalho, que é apenas uma colocação do problema nos termos em que se encontra praticamente congelado nos arquivos do venerando Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Não obstante, acrescentamos algumas sugestões favoráveis à tese da chegada de Ramalho ao Brasil antes de Cabral, que confere ao patriarca de Santo André da Borda do Campo a primazia na descoberta da nossa terra. Veja-se a amplitude das implicações da questão: a própria História da América teria de ser reformulada em suas bases, no que respeita ao continente sulamericano.

No tocante ao plano nacional, a glória de Porto Seguro escorregaria ao longe da orla atlântica para o litoral paulista. E a própria questão da Fundação de São Paulo, que tem dado tanto pano para manga nas disputas apaixonadas entre Nóbrega e Anchieta, sofreria o xeque-mate da jogada de Ramalho no taboleiro. Além disso, a alegação de que Ramalho era marrano, judeu português que somente no Brasil se tornara cristão-novo, adicionaria à questão elementos raciais e religiosos profundamente conflitivos. Para evitar todo esse cipoal, em que espinhos e unhas-de-gato repontam de todos os lados, nossos historiadores têm apelado a todos os recursos possíveis, tentando eliminar a tese perigosa.

O PRECURSOR

Na História do Brasil João Ramalho é o marco zero. Na História de São Paulo é o precursor. Surgiu no litoral paulista, segundo os cálculos de Candido Costa, entre 1469 e 1495, uma faixa de tempo de um quarto de século antes de Cabral. Esses cálculos parecem exagerados, mas as contestações feitas não passam dos argumentos e das suposições, tendo sempre por base a idéia de que Ramalho teria de ser um novo Matusalém para chegar vigoroso e ativo até ao tempo da fundação de São Paulo. Aurélio Buarque de Holanda, por exemplo, em sua tese sobre os motivos edênicos da descoberta e da colonização do Brasil, considera absurdo que Ramalho tivesse 110 anos na ocasião em que fez o seu famoso testamento, no qual figura como tendo noventa anos de permanência no Brasil, segundo Frei Garpar da Madre de Deus.

Essa afirmação aparece duas vezes no testamento, mas Aurélio argumenta que a expressão, conforme os hábitos da época, talvez significasse apenas "muitos anos". Ficamos sempre na balança do pode ser e pode não ser. Outro argumento contrário é de que o número 9, do tabelião Lourenço Vaz, que fez o testamento, pode ser um 7 e não um 9. Uma questão de exame caligráfico hoje impossível de ser feito, por falta dos documentos. Por outro lado, há milhares de casos, no mundo, de pessoas que chegaram a idades fabulosamente avançadas, passando mesmo dos 150 anos. Aqui em São Paulo, temos agora, em nossos dias, o caso de Sarkúis Armênio, documentado e constante de sua ficha de identidade, que conta atualmente 115 anos de idade. Várias reportagens têm sido publicadas em nossa imprensa diária sobre esse Matusalém moderno, que nasceu e foi batizado em São Paulo, cresceu e viveu na Armênia até os 50 anos e já faz mais de sessenta que reside em nossa capital.

O problema da longevidade, portanto, não é decisivo no caso Ramalho. E a seu favor existe um documento histórico importante: a carta de Tomé de Souza a D. João III, datada de 1.º de junho de 1553, comunicando ao monarca que nomeava João Ramalho para Capitão da Vila de Santo André da Borda do Campo. Nessa carta, o primeiro Governador Geral do Brasil diz: "João Ramalho, natural do termo de Coimbra que Martim Afonso achou nesta terra, quando cá veio, tem tantos filhos, netos, bisnetos e descendentes que não ousa dizer a Vossa Alteza. Não tem cãs na cabeça nem no rosto e anda nove léguas a pé antes do jantar." Não parece nada improvável que esse gigante de botas de nove léguas (duas léguas e mais que as botas dos bandeirantes) tenha vivido mais anos que o próprio Matusalém.

O DEUS DO MAR

A pergunta que aturde os historiadores é esta: "Quando e como João Ramalho apareceu no litoral paulista?" Os historiadores se esquecem de que os deuses não têm cronologia, não obedecem aos calendários humanos. Quem se atreveria a perguntar a idade de um deus? O próprio Cronos arriscaria a cabeça se inventasse de dizer a Zeus: "Nascestes em tal época." Os deuses morrem, porque podem fazer-se humanos para morrer e ressuscitar, como no caso de Osiris. Mas não nascem e não obedecem à contagem do tempo. O domínio dos deuses é a intemporalidade. E Ramalho foi certamente um deus, como Anhanguera, o deus brasileiro do fogo. Ou como Hans Staden, o filho da Lua, que também nasceu do mar.

É pena não termos uma lenda do nascimento de João Ramalho. Mas é quase certo que essa lenda existiu. Naufrago de alguma caravela ante-cabralina ou desertor de uma possível expedição em busca das Índias Ocidentais, quando ele apareceu no litoral paulista, com sua cabeleira, seus bigodes e suas barbas de fogo, os olhos azuis, suas vestes estranhas, suas armas e suas botas, os índios o tomaram por um deus que nascera do mar. Não devia ser muito jovem, pois mais tarde

declarara ao Padre Nóbrega que havia deixado mulher em Portugal.

Quando chegou à taba, a menina Bartira, filha do Cacique Tibiriçá, certamente o olhou assustada e não demorou muitas luas a cair de joelhos aos seus pés. De que artes usou ele, que milagres praticou para impor-se ao respeito e à admiração dos selvagens? Nada disso se sabe, mas a verdade é que Martim Afonso já o encontrou como senhor da terra e Tomé de Sousa reconheceu e referendou a sua realeza. Se o nomeou Capitão da Vila foi por causa do seu prestígio. Ramalho era capaz de por oitenta mil guerreiros no campo em pé de guerra, enquanto El Rei ou seus enviados não conseguiriam mobilizar nem dois mil.

A essa altura, a menina Bartira já se tornara bela e atraente como Iracema. Era a Deusa da Terra, nascida do chão como as palmeiras. O Deus do Mar já havia conquistado o seu povo e o coração da deusa rendeu-se ante o seu esplendor solar. Não era aquele um deus ganancioso e cruel como Pizarro no Peru e Cortez no México. Impunha-se pela sabedoria e a generosidade. Não saíra do mar para destruir e saquear, mas para viver com o povo da terra e povoá-la de uma nova raça, a dos gigantes de botas de sete léguas.

DEUSA DA TERRA

Bartira (ou Potira) como também a chamavam os índios, uniu seu destino e o do seu povo ao de João Ramalho. De suas entranhas telúricas nasceu a nova raça que povoaria os campos de Piratininga e alargaria o coração geográfico brasileiro (Coração do Mundo) na diástole histórica das Bandeiras. A velha Europa e a jovem América fundiam-se na formação de um mundo novo. Nas noites profundas e estreladas de Santo André da Borda do Campo Ramalho contemplava uma constelação desconhecida, que jamais encontrara nos céus de Portugal. Quatro estrelas formavam o sinal da cruz, como se o mundo se persignasse todas as noites, antes do alvorecer de novo dia.

Os padres da Campanha de Jesus realizavam o esforço da catequese cristã. Em 1553 Nóbrega visitou o Planalto de Piratininga e esteve com João Ramalho. O velho deus do mar já se integrara de corpo e alma na vida dos homens morenos da nova terra. Era o patriarca respeitado e amado que dominava o sertão. As tribos nativas o obedeciam. Nóbrega e Anchieta sonhavam fundar um colégio em Piratininga e lançaram os fundamentos de um arraial preparatório. O lugar escolhido para o colégio situava-se na lombada entre os rios Tiête e Tamanduateí. Era a mesopotâmia paulista, a região fértil e abençoada entre dois cursos d'água promissores. Queriam reunir elementos de São Vicente e Santo André, brancos e bugres que dessem ao novo arraial mais vida e segurança. As tribos pacíficas, amigas de Ramalho, reforçariam a defesa do burgo nascente contra as ameaças constantes das tribos selvagens.

Ramalho confessou a Nóbrega que desejava casar-se com Bartira segundo o rito católico. Já possuía larga descendência, suas filhas com a deusa da terra já estavam casa-

DE SÃO PAULO

A DEUSA DA TERRA •

J. HERCULANO PIRES

(Do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo)

das e lhe davam netos. Precisava saber se sua mulher, que ficara em Portugal, ainda vivia. O Padre Nóbrega escreveu à Corte, segundo relata o Padre Serafim Leite. A resposta foi certamente favorável ao desejo do patriarca. Bartira foi batizada com o nome cristão de Isabel e o matrimônio parece que foi efetuado. Os mitos do mar e da terra já se haviam convertido em criaturas humanas e dado início à raça dos bandeirantes.

Aureliano Leite, o cacique branco de São Paulo, autor de "A Civilização Paulista", lembra que Bartira foi a precursora de Barbara Eliodora. Trazia no sangue a bravura selvagem das tribos. Certa vez, em companhia de

sua mãe bugra, instigou Ramalho e o Cacique Tibiriçá a porem em debandada as tribos selvagens que ameaçavam a São Paulo nascente. Ramalho foi acusado de muitos crimes e pecados, mas a verdade é que gozou, em toda a sua longa vida, de aprovação e respeito de brancos e bugres. O Padre Nóbrega, que ouviu muitas acusações a Ramalho e impressionou-se com elas, a ponto de passá-las adiante, ao conhecê-lo em pessoa e verificar como ele vivia tornou-se um dos seus maiores amigos e até mesmo um admirador do bravo capitão da Vila e alcaide-mor do Campo. Esses dois títulos, geralmente citados em conjunto, designam funções diferentes, de

inteira confiança das autoridades do tempo, que ele exerceu sem admoestações. Bartira, que depois do batismo passou a ser chamada de Isabel Bartira, manteve com ele um lar que as crônicas, as cartas e as anotações históricas da época sempre louvaram.

PLANO DA SÉRIE

1. A Cidade Terrena e a Cidade Celeste.
2. O Deus do Mar e a Deusa da Terra.
3. Jesuitas e Caciques fundam a Cidade.
4. Gigantes de Botas de Sete Léguas.
5. Os lampiões de Gás e a Iluminação Lunar.
6. Surto Cafeeiro e Nobreza do Café.
7. Martinelli: um salto sobre os telhados.
8. O rush Agro-Industrial.
9. O Caldeirão Racial dos Trópicos.
10. Nova Babilônia às Margens do Tietê.
11. Psicopatologia da Metrópole.
12. Os Enigmas da Alma Bandeirante.
13. O Complexo Metropolitano.
14. Civilização Caipira e Cosmopolitismo.
15. Abertura Tecnológica da Era Cósmica.
16. Expansão Cultural e Universitária.
17. O Aqui e o Agra de São Paulo.
18. Perspectivas para o Ano 2.000.

Esta série de trabalhos sobre a Cidade de São Paulo, iniciada em nosso último número, deverá ter maior desenvolvimento na Edição Especial de Janeiro próximo, comemorativa do 422.º aniversário da metrópole. O trabalho introdutório, tratando do primeiro tema do plano e intitulado "A Cidade Terrena e a Cidade Celeste", foi de autoria da Redação de MENSAGEM, como logicamente devia ser. Por isso não apresentou-se com nenhuma assinatura individual. O segundo, que hoje divulgamos, é de autoria pessoal do nosso diretor, que o assina. Os trabalhos seguintes serão de autoria de vários estudiosos de renome, que focalizarão os temas seguintes do plano ou desenvolverão subtemas por eles propostos, de acordo com seus interesses ou suas especialidades. Haverá, portanto, flexibilidade no desenvolvimento do plano. A publicação será feita ao longo de todo o ano de 1976, podendo prolongar-se em 1977, conforme o interesse demonstrado pelos nossos colaboradores nesse mutirão cultural.

Até o momento, aceitaram os nossos convites os seguintes intelectuais: Raimundo de Menezes, presidente da União Brasileira de Escritores e membro da Academia Paulista de Letras; Caio Porfírio Carneiro, contista e secretário da UBE; Brasil Banecchi, historiador; Clovis Moura, sociólogo; Hermann José Reipert, romancista, J. Pereira, editor científico dos "Diários Associados"; Ibiapaba Martins, romancista. Outros convites estão sendo formulados. A variedade das posições pessoais dos colaboradores no trato dos temas permitirá uma visão diversificada e mais rica da problemática paulistana, sem prejuízo da unidade da série.

O JUDEU

A suposição de que Ramalho fosse judeu parece nunca ter sido levantada durante a sua longa vida no Brasil. Isso é curioso porque o tempo era de selvagem repúdio ao judeu em Portugal e no Brasil, como em todo o mundo cristão. Por outro lado, o nome Ramalho, por sua procedência vegetal, incide na suspeição de judaísmo em nossa língua, como possível substituição de nome hebraico. A suspeição de judaísmo surgiu com o estudo de horácio de Carvalho sobre as assinaturas de Ramalho nas atas da Câmara de Santo André e de São Paulo. Na verdade, a hipótese foi levantada por João Mendes Junior, na comissão constituída pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 1902, para verificar se Ramalho era ou não o Bacharel de Cananéia, figura também misteriosa e esquiva dos nossos primórdios.

Washington Luiz, em seu livro "Na Capitania de São Vicente", lançado pela Editora



Martins em 1956, sustenta a mesma opinião de Aureliano Leite, entendendo que o sinal tomado pelo Kaf, letra hebraica, era apenas um símbolo usado em lugar da cruz, de que se serviam os analfabetos ao "assinar de cruz". Repele como gratuita a suspeição, bem como a tese da longevidade de Ramalho.

Em 1963, o escritor Afonso Schmidt levantou de novo a questão judaica ao lançar, pelo Clube do Livro, uma novela intitulada "O enigma de João Ramalho", na qual apresenta o famoso personagem como judeu foragido de Portugal. Entrevistamos Schmidt e ele declarou que se baseara no estudo de Horácio de Carvalho, mas com a finalidade apenas de fazer uma novela. Estava com mais de setenta anos e não queria atritos e discussões com ninguém. Não obstante, quando perguntamos se Ramalho era analfabeto e assinava de cruz, Schmidt respondeu: "Não creio, pois me parece que era demasiado atilado e a história do Kaf é impressionante".

A comissão de 1902 era constituída por Theodoro Sampaio, João Mendes Junior, Orville Derby, Antonio de Toledo Piza e Manuel Pereira Guimarães. Theodoro incumbiu-se do relatório. Apenas Guimarães repeliu a tese desse relatório em termos violentos, recusando-se a assinar o parecer. Essa comissão examinou as atas da vereança da Vila de Santo André da Borda do Campo, referentes ao período de 22 de Julho de 1555 até à mudança da Vila para São Paulo em 1560, por ordem de Mem de Sá. Figuram nas atas 19 assinaturas de Ramalho com o kaf judaico, bem nítido, entre o nome e o sobrenome (uma ferradura voltada para esquerda). O parecer de Theodoro Sampaio revela o antisemitismo da época, dando à tese uma aprovação irônica: "Esta hipótese, longe de ser impertinente, é até muito plausível, de acordo com o que se sabe da vida do alcaide-mor." Pereira Guimarães refutou a acusação, defendendo Ramalho. Lembrou que ele ocupara posições que exigiam linhagem. Acusou o Padre Simão de Vasconcellos, citado no parecer, para o qual Ramalho era "um homem por graves crimes

infame e atualmente excomungado", afirmando que o padre "era adversário acérrimo do patriarca e parcialíssimo em suas opiniões". O debate consta do volume VIII, de 1902, da "Revista do Instituto". Foi em consequência da exaltação de ânimo que Theodoro Sampaio recorreu a Horácio de Carvalho, então diretor do "Diário Oficial do Estado", grande erudito e conhecedor de letras orientais. Theodoro produziu um trabalho erudito e profundo, que ocupou 66 páginas da revista e se encontra no mesmo volume citado. Concluiu sustentando que João Ramalho era "um Iniciado da Kábala Secreta e Simbólica, do kaf ideográfico do Cristo em Espirito, idêntico ao Pai ou Deus".

João Ramalho seria, assim, ao contrário do que supunham os leigos da ciência mística judaica, um iniciado que ocultava a sua alta posição hierárquica, mas usava o kaf, a letra mágica em sua assinatura, como uma espécie de talismã gráfico. No mesmo volume citado, da coleção da revista, aparecem ainda os pareceres de Francisco Campos Andrades, e J. C. Gomes Ribeiro, em defesa de Ramalho. Nesse último parecer surge uma interpretação nova do kaf, que nada mais seria do que um emblema representando as fortificações de João Ramalho em Santo André da Borda do Campo.

O SILÊNCIO DE RAMALHO

Ramalho aparece em todos os documentos e referências a ele como homem de pouco falar, discreto ao extremo a respeito de seus assuntos pessoais. Washington Luís acentua esse aspecto da personalidade estranha de Ramalho, que foi o motivo de o confundirem com o silencioso e misterioso Bacharel de Cananéia. Abriu-se apenas com Nóbrega sobre o seu casamento em Portugal, assim mesmo pelo desejo de regularizar oficialmente a sua situação com Bartira. Washington Luís estranha que os padres nada soubessem quanto à sua possível condição de judeu. A verdade é que ninguém sabia nada sobre ele antes da vida em Santo André. Esse silêncio cauteloso é sintomático. Numa fase

em que ser judeu era expor-se à condenação da Igreja e do povo, um homem atilado, como assinalou Afonso Schmidt, não se arriscaria.

O uso do kaf na assinatura poderia denunciá-lo. Mas é preciso lembrar que esse uso era um segredo que nem os padres conheciam. Por outro lado, usar o Kaf era garantir-se pelo próprio poder misterioso da letra simbólica. Ninguém suspeitaria, como não suspeitou, naquela época, de um traço a mais ou a menos no meio de um assinatura. Ramalho não era homem de temores fúteis. Sagaz, valente, corajoso, sabia até onde podia arriscar-se, sem rejeitar o amparo cabalístico do símbolo desconhecido em sua assinatura. Que o símbolo era um kaf, não pode haver dúvida. Os exames da comissão de 1902 o provaram de sobejo.

Por fim, devemos lembrar que o silêncio de Ramalho era também um dever cabalístico. O iniciado deve cultivar a prudência e manter os segredos da iniciação. O primeiro desses segredos é exatamente o da sua condição de iniciado. Comenta-se muito o fato de Ramalho haver tido prole numerosa com várias índias. Acusaram-no de libertino. As condições do meio justificam esse comportamento, mormente num homem que tinha de impor-se aos outros como chefe. O machismo judeu é água forte que mana da fonte bíblica. Iavé prometeu filhos a Abraão como as estrelas do céu.

E a terra fecunda, ampla e vazia exigia dos homens o esforço de povoamento a que nem os padres escaparam. O maior pecado, naquele tempo, era a desobediência ao mandamento divino: "Multiplicai-vos."

A comissão de 1902 encerrou a questão na perspectiva da moral postíca da época. Uma moral de simulação e hipocrisia, que levou o mundo à explosão de recalques da atualidade, com todos os exageros e abusos que hoje enfrentamos. Não podemos medir um homem como Ramalho com a fita métrica dos nossos preconceitos vitorianos. Ramalho representava um mundo em eclosão, com a efervescência do caos e a luz do fiat.



Assinaturas dos membros do 1.º governo da vila de São Paulo (1556) — (Reproduzidas do álbum São Paulo Antigo e São Paulo Moderno, 1905.)

CORPO E ALMA

O mito de Ramalho e Bartira aplica-se à interpretação de São Paulo como o mito da Loba e Roma. O mar lança o deus branco no litoral para envolvê-lo na fascinação de um novo mundo. O deus fascinado escala as rochas e encontra o planalto como um desafio. Ocorre então o milagre da encarnação. O verbo (mistério egípcio herdado por gregos e hebreus) manifesta-se na carne. Ramalho, como Apolo em Samos, mergulha na condição humana. Faz-se chefe e profeta, como Moisés, e ouve a voz de Deus no trovão e no raio. Bartira é a Canaã que lhe abre os braços e o seio fecundo. Mais jovem que Moisés, Ramalho conquista a Canaã da promessa e arroteia a terra, preparando o futuro. Os ventos do planalto o impelem para as margens do Tiête, onde os sacerdotes de Iavé o esperam. Ele arrasta consigo o seu povo, guiado pelos caciques e pela atração de uma nova aurora. A promessa se cumpre no chão do planalto.

Santo André da Borda do Campo foi a preparação, o tempo de gestação. O corpo da nova Jerusalém formou-se ali, nutrido pela água do mar e as areias da praia de São Vicente. A alma vai desenvolver-se no Colégio de Piratininga, sob os cuidados apostolares de Anchieta. Uma alma selvagem, natural e pura como as selvas e os rios. A seiva da terra e a seiva de além-mar alimentarão essa alma sob o fogo celeste das estrelas, na mistura das raças e das crenças. São Paulo cresce com os curumins e os mamelucos: aprendendo latim. O Cristianismo dos padres tem por trás os salmos de Davi, os cânticos de Salomão e a febre de Isaías. Os mistérios da Kábala secreta vão desabrochar nas flores de luz do Paráclito. E a África derramará a sua noite sacrificial sobre esse caldeirão sem bordas, sem limites, para que o sangue dos negros rebente em safras rubras, fortificando o corpo da cidade nascente, e os deuses africanos se concluem com os deuses nativos para devolver ao seio da Natureza os deuses artificializados dos brancos.

Ramalho e Bartira são o fulcro humano de uma eclosão espantosa, a tese e a antítese de uma dialética de carne e espírito, da qual brotará a síntese de corpo e alma da Cidade de São Paulo. Precisamos penetrar nesse fenômeno histórico com lentes de raios laser nos olhos, para não ficarmos na exterioridade simplória das aparências. Os fatos em si são apenas um dado, algo que se entrega gratuitamente à nossa visão. Mas a nossa mente exige mais, a pesca dos conteúdos ocultos no símbolo gráfico (um simples traço) do kaf hebraico.

CONFIRMAÇÃO MEDIÚNICA

Para os que aceitam a realidade do fato mediúnico, houve uma notável confirmação da tese do kaf, dada espontaneamente através do médium Francisco Candido Xavier. Ao receber o título de Cidadão Honorário de São Bernardo do Campo, em 1972, Chico Xavier pronunciou um discurso de agradecimento, de improviso e grandemente inspirado. Referiu-se a aspectos da História da Cidade, chegando mesmo a esmiuçar episódios tocantes referentes à ação de João Ramalho, a quem classificou como "cristão novo, ardente na fé". O médium não é entendido em História e queria proferir simplesmente algumas palavras de agradecimento. Pelo contrário, proferiu um discurso de historiador minucioso, citando inclusive as várias famílias que constituíram a sociedade inicial da cidade.

O discurso foi publicado em folheto e amplamente distribuído. Estávamos junto ao médium e pudemos observar que se tratava de uma peça mediúnica. O autor espiritual

dessa peça era o Padre Manuel da Nóbrega, que se referiu com muita ternura e respeito à figura espiritual de João Ramalho. Para os espíritas, esse discurso foi uma evidente confirmação da tese do kaf e uma justificativa da sugestão de João Mendes Junior e do entusiasmo de Horacio de Carvalho em seu erudito estudo sobre a presença do kaf nas assinaturas de Ramalho.

As faculdades mediúnicas de Chico Xavier são hoje conhecidas e respeitadas em todo o mundo. Quando esteve nos Estados Unidos, a convite de instituições culturais, Chico Xavier recebeu notáveis mensagens em inglês e foi convidado a permanecer no país como hóspede de uma Universidade famosa, a fim de submeter sua extraordinária paranormalidade a estudos parapsicológicos. Essa inesperada intervenção paranormal no caso João Ramalho constitui um dado novo nos debates sobre a figura estranha do Patriarca de Santo André, vereador da antiga Câmara paulistana, participante e consolidador da Fundação de São Paulo.

Impõe-se uma conclusão histórica e exegetica a esta colocação do problema de Ramalho e Bartira. O nome dado à futura metrópole paulistana foi uma homenagem ao Apóstolo dos Gentios, Paulo de Tarsó, doutor da lei e kabalista eminente do Templo de Jerusalém. João Ramalho, iniciado da Kábala Mística e Secreta, surge por mercê de Deus nas praias de São Vicente e vai transformar-se no chefe branco das tribos do planalto, para presidir à formação de uma nova raça e de um novo mundo. O seu ardor na fé, assinalado pela mensagem mediúnica, a sua ligação imediata e íntima com o gentio (sem os escrúpulos judaicos) a sua coragem e bravura, bem como a sua honestidade na condução das gestões entre brancos e índios, a sua aceitação do Cristo como o Messias prometido conferem-lhe a condição de um representante espiritual de Paulo na fundação, defesa e consolidação da cidade de São Paulo. Ramalho e Bartira foram o par adâmico de uma nova era. Através deles, em carne e espírito, fluem os caudais das gerações futuras do planalto e as energias espirituais que modelarão a alma audaciosa e desbravadora de São Paulo de Piratininga.

A NOVA DIMENSÃO

No mito histórico de Ramalho e Bartira temos a chave dos mistérios da Alma de São Paulo. Bartira é a terra que se abre em amor para receber o estrangeiro, emissário da cultura e da civilização caldeadas na odisseia das raças milenares da Ásia e da Europa. Deusa da Terra, filha de Tibiriçá, o cacique, traz no corpo e na alma as forças telúricas, os poderes fecundantes e criadores do continente virgem. Ramalho é o Deus do Mar, empurrado à praia pelos ventos oceânicos, trazendo em seu corpo e sua alma a sementeira das safras de gerações incontáveis, os segredos Kábala, os poderes misteriosos da Arca Sagrada, os martírios da escravidão e as glórias da libertação, as conquistas, as derrotas, a queda de tróia e de Roma para a fusão de bárbaros e civilizados no caldeirão cultural da História. As mãos de Ramalho estão pesadas de sementes que serão semeadas na terra virgem.

Não se trata de uma simbologia gratuita, de uma exaltação imaginosa de fatos rotineiros da fase de expansão marítima do Ocidente. Os recursos da Ciência dos Mitos, da Psicologia do Inconsciente, da Teoria dos Arquétipos, da Simbólica e da moderna pesquisa parapsicológica não nos permitem mais as interpretações lineares e superficiais dos problemas históricos de natureza genética. Por trás dos fatos concretos estão as forças da

História. Por trás do fenômeno urbano e aparentemente corriqueiro de uma cidade que cresce, como São Paulo, estão as forças genéticas do Cosmos, os designios do poder supremo que acende e apaga as constelações no Infinito.

Aquilo que os clássicos buscavam através de interpretações poéticas, em suas epopéias, torna-se hoje acessível à investigação científica e à interpretação filosófica. Temos de romper com o apego ao concreto, ao objetivo e vulgar que a própria Física prova ser ilusório para darmos à interpretação histórica as novas dimensões da cultura contemporânea. Temos de acrescentar aos fatos históricos a dimensão para-histórica da era cósmica em desenvolvimento.

MENSAGEM MENSAGEM MENSAGEM

A toque de dinamite São Paulo se renova

A dinamitação do prédio Mendes Caldeira, na Praça da Sé foi apenas o primeiro toque da bateria de dinamites planejada para a transformação de São Paulo. Em nove segundos um edifício de trinta andares foi reduzido a um monte de entulhos. Cerca de 1.400 bananas de dinamite, tecnicamente distribuídas nos pontos de segurança da estrutura do edifício, representando mais de 400 quilos de explosivos, produziram a estranha mágica diante da multidão de espectadores, na manhã de domingo, 16 de Novembro. As próximas dinamitações ocorrerão na mesma praça, no quarteirão que a liga à Praça Clovis Bevilacqua e se chama Rua Felipe de Oliveira, nessa última praça.

A rapidez, facilidade e economia que esse processo de demolição por dinamites oferece facilitará a remodelação necessária da cidade. Mas é preciso que os responsáveis por essa remodelação não se deixem levar pela facilidade, lembrando-se da necessidade de preservação de edifícios que constituem monumentos tradicionais da vida e da História de São Paulo. Uma cidade que corta suas raízes sócio-culturais torna-se desmemoriada e perde a seiva que a fez crescer, expondo-se à infiltração de seivas estranhas que a caracterizam no tempo.

São Paulo deve tornar-se e realmente se tornará uma das maiores metrópoles do mundo. Mas se não preservarmos o seu espírito, cuidando exageradamente do seu desenvolvimento material, estaremos ameaçados de um naufrágio histórico e moral. A destruição impiedosa do Palacete Prates, na rua Libero Badaró, onde funcionaram por muitos anos a Prefeitura e a Câmara Municipal, e a ameaça que ainda pesa sobre o tradicional edifício da Escola Caetano de Campos, na Praça da República, são episódios dolorosos que não podem ser esquecidos.

Os edifícios seculares, que são marcos históricos da cidade, não podem e não devem ser destruídos, por mais belos que sejam os planos de renovação. Não se trata de passadismo ou saudosismo, mas de um princípio ético reconhecido mundialmente. A civilização se desenvolve numa sequência, tem a sua estrutura, e as dinamites que explodem a estrutura de um edifício podem também explodir a dinâmica de um processo, prejudicando, alterando e conflitando o desenvolvimento cultural de um povo.

CONTRA-SENSO DA VIOLÊNCIA NA LUTA PELA CIVILIZAÇÃO

J. AMARAL SIMONETTI

(Especial para MENSAGEM)

ENCARANDO-SE de maneira objetiva os problemas humanos, temos de reconhecer o papel da força e conseqüentemente da violência, nos processos disciplinadores da vida social. Mas também somos forçados a reconhecer que esse papel vai se tornando negativo na proporção em que se desenvolve e amadurece o processo da civilização. Por outro lado, mesmo nas fases inferiores da evolução humana, todo excesso de violência revela-se contraproducente e altamente prejudicial. Como postulou São Tomás de Aquino, firmado em Aristóteles, a virtude está no meio. E a virtude, em termos de dinâmica social e cultural, é sempre um ponto de equilíbrio. Os pratos da balança podem baixar ou elevar-se segundo os ritmos da evolução, mas o fiel regula o equilíbrio, evitando as quedas desastrosas. A compreensão desse problema escapa, em geral, aos homens que esposam o princípio da força e o princípio do direito.

Nas sociedades rudimentares força e direito se confundem. Prevalece naturalmente a lei das selvas. A vontade de potência, da concepção desvairada de Nietzsche, sobrepõe-se à potência da vontade que caracteriza o poder inteligente do homem. O que vemos hoje no mundo, como um furacão circular que varre todos os continentes e abala todas as estruturas sociais, tanto no mundo capitalista quanto no mundo comunista, é a força desencadeada da violência em todos os sentidos. Basta um rápido olhar pelas manchetes da imprensa para vermos que os homens perderam a cabeça em todos os planos sociais, desde o puramente individual, passando pelo familiar, até as estruturas de cúpula da sociedade civilizada.

O Natal nos oferece oportunidade para uma reflexão a respeito. Jesus nasceu num mundo dominado pela violência. Podia, por sua linhagem, não a da genealogia evangélica, evidentemente falha, mas a historicamente verificada pelas pesquisas universitárias, fazer-se sacerdote do Templo e usar os poderes temerários de que Paulo de Tarso deu exemplos arrepiantes na sua fase farisaica. Mas preferiu a posição socialmente inferior de pregador popular, rejeitando até mesmo os compromissos perigosos com as várias seitas judaicas do tempo, todas impregnadas pela violência mosaica. As supostas ligações de Jesus com os essênios foram historicamente desmentidas, como se vê na bibliografia especializada, desde Renan, no século passado, até Charles Guignebert, em nosso século.

Escapando assim à pressão das estruturas sócio-religiosas do tempo, Jesus colocou-se numa posição independente e procurou restabelecer o equilíbrio da balança social. Todo seu exemplo e todo seu ensino foi de repúdio às formas de compressão da liberdade individual, porque essa compressão atenta contra as possibilidades de desenvolvimento espiritual do homem e da sociedade. Dois exemplos históricos esta-

vam presentes no mundo de então: a estatização opressiva de Esparta, que aniquilou o poder criador do espírito grego, e a democracia ateniense, que apesar da estrutura escravagista produziu o indivíduo livre e a mais espantosa explosão de intuição criadora de todos os tempos. Mesmo sufocada pelo poderio totalitário de Roma, esmagada sob a força bruta das legiões de César, Atenas continuava a florescer como pensamento e cultura.

Querem alguns observadores superficiais tirar exemplos de violência de alguns episódios evangélicos. Esses exemplos mostram apenas que Jesus não caiu no extremo da apatia negativa, agindo com energia, quando necessário, mas sempre na defesa da liberdade e da dignidade humana, contra os que, em defesa de princípios rígidos, sectários e estreitos, pretendiam sufocar a criatividade do espírito e impedir as transformações necessárias. Mesmo assim, Jesus não impunha num novo jugo aos homens, resguardando-lhes o direito de opção, de liberdade como fundamento da responsabilidade individual

O mundo já havia amadurecido para a compreensão da fraternidade humana, sob a paternidade universal do Deus Único. O fermento da violência ainda envenenava as almas, as estruturas sociais e culturais levariam séculos e milênios para desintoxicar-se, mas Jesus pregava e exemplificava a não-violência, que era o fermento do homem novo a levar o futuro. Fecha-se o ciclo tenebroso das civilizações massivas, monstruosamente teocráticas, que em nome dos deuses mitológicos asfixiavam o espírito humano, ansioso por justiça e libertação. A mensagem cristã se resume neste binômio irrevogável: liberdade e fraternidade, sobre o qual se funda a responsabilidade, expressão da consciência livre, superior e digna.

A volta à violência e às atrocidades dos tempos bíblicos e ao próprio texto — que o próprio Apóstolo Paulo considerou superado pelo Evangelho — não tem justificação possível. A graça evangélica substituiu a justiça bíblica, na revogação inexorável do "olho por olho", com a revolução moral do ensino: "Amai aos vossos inimigos".

É um contra-senso a permanência das práticas de violência na civilização cristã, com desrespeito à dignidade da criatura humana. A salvaguarda dos princípios fundamentais do Humanismo Cristão é um imperativo da própria sobrevivência do Cristianismo, acuado pelos pseudo-humanismos das ideologias materialistas e pragmatistas, que pregam a concepção nihilista do homem, considerado como simples e inútil aglutinação de matéria destinado à extinção total com a morte. Que humanismos são esses, que com vertem o homem num ser efêmero, desprovido de condição para a sustentação e desenvolvimento da substância humana e da própria consciência? E como pode uma civilização cristã admitir a violação dos princípios cristãos no plano da prática?

A violência institucionalizada, como hoje se mostra em todo o mundo, reverte o Estado à condição do Leviatã de Hobbes, cuja função não é a defesa e garantia da Civilização, mas a sua destruição. Os efeitos coercitivos da violência, gerando medo, terror, desolação, convertem-se em ressentimento, revolta e indignação, que perpetuam o ciclo de agressões e revides no meio social, como já está se verificando em numerosos países. Além disso, o aviltamento do homem acaba por aviltar as próprias instituições sociais e gerar o desespero coletivo, a insegurança e o descrédito dos valores humanos. A cada período de violência segue-se uma fase de desilusão e apatia, depois da qual podem surgir novos conflitos.

A dignidade humana é a base da confiança mútua e do progresso das nações. As tentativas de destruição violenta do Cristianismo aniquilaram o poderio de Roma e abriram as portas de império à invasão dos bárbaros, dos povos humilhados. A luta pela civilização é um esforço contínuo de defesa da dignidade humana, de reconhecimento dos direitos individuais e grupais na estrutura geral da sociedade. A mensagem cristã nos indica o caminho do amor e do respeito ao próximo. As comemorações do Natal, hoje, mais do que nunca, devem levar-nos a meditar profundamente nas violências praticadas contra o Cristo e seus ideais superiores, e a compreendermos que a natureza humana, de ordem divina, não pode aviltar-se pela vontade dos homens sem que todos soframos as suas conseqüências.

Os mansos e pacíficos herdarão a Terra, afirmou Jesus, advertindo que o domínio dos violentos passará com o progresso espiritual dos homens e de suas instituições. Apesar disso, o próprio Cristianismo engolfou-se na violência e ainda hoje presenciamos as guerras de religião ensanguentando nações civilizadas. Mas, em contrapartida, a consciência cristã da fraternidade humana desenvolve-se em todo o mundo, levantando as barreiras da razão esclarecida contra os desmandos da força. O Natal é o chamado permanente do Mestre à luta contra a violência.

ORGANIZAÇÃO CONTÁBIL — TEC-BRAS —

ABERTURAS-TRANSFERÊNCIAS-
ENCERRAMENTOS DE FIRMAS-INSCRIÇÃO
PARA FEIRANTE E AMBULANTE-
REQUERIMENTOS-DOCUMENTOS-
ASSESSORIA JURIDICA ETC.

Rua Tte. Cel. Carlos da Silva Araujo, 151
fone: 247-4784 — Sto. Amaro - São Paulo

Lançamentos EDICEL

Aumente a sua dimensão

Parapsicologia Hoje
e Amanhã

Vacine-se Contra
a Loucura

Revista Espírita (de A. Kardec)
(Coleção encadernada — 12 vols.)

Coleção Científica Edicel

20 Casos Sugestivos de
Reencarnação

Na Seara Benedita

Lançamentos EDICEL

EDICEL - Editora Cultural Espírita Ltda.
Rua Genebra 122 (esq. rua Maria Paula)
CEP 01316 - São Paulo

reembolso postal e crediário


A SÃO PAULO ARTES GRÁFICAS LTDA.

EXECUTAMOS SOB ENCOMENDAS:
REVISTAS, CATALOGOS, FOLHETOS, CARTAZES,
FOLHINHAS, EMBALAGENS EM CATÕES MICRO
ONDULADOS E DEMAIS IMPRESSOS EM OFF-
SET.

IMPRESSOS COMERCIAL EM SISTEMA JA-
TO, LEITURA ÓTICA E DEMAIS IMPRESSOS DE
SEGURANÇA.

IMPRESSOS EM GERAL EM SISTEMA
TI-POGRÁFICO

«IMPRESSÃO QUE
IMPRESSIONA»

Consulte-nos sem compromisso.
Av. Bosque da Saúde, 2031/53
tel. 63.7704 e 63.7706



NO JABAQUARA

A SOLUÇÃO É

LEMAR

AV. JABAQUARA, 2177 • FONE: 275-4833 (PABX)

**PEÇAS E
SERVIÇOS**

MENS (a) GENS

Max Lunan

Eu, Max Lunan, não preciso imitar ninguém, mas devo aproveitar as boas sugestões. Uma delas, do meu colega Mac Luhan, autor de "Massa-gens", me deu a idéia de fazer "Mens(a) gens". Há muita gente que não tem mens sana nem insana. Precisamos dar mens a gens dessa lamentável espécie. Vou ex(per) mentar.

Vida e Morte

Não há escolha. Se a vida está pela hora da morte, a morte está pela hora da vida. Viva a morte, que os outros pagam.

Se o dinheiro é pouco, poupe-o. Se o dinheiro não dá, você está em vôo cego. Aperte o cinto.

Se a loteca não dá, você continua na miséria. Mas, se der, você pode tornar-se um miserável.

Não lamente a sorte.

Pior é a falta de sorte.
Quem não tem cão, pesca com minhoca. Quem caça com gato só pega rato.

Se você só crê na morte, porque não abre uma funerária?

A vida é incerta. Só a morte é certa. E você prefere a incerteza.

Sua mulher pode não ser bonita e legante como a do amigo. Mas você sabe quanto ele paga por essas vantagens?

O marido de sua amiga é um modelo de homem. Mas quem garante que esse modelo serve para você?

A vida é um buraco. Você prefere a cova da morte?

Livros de Provérbios

Filho meu, não faças como o teu pai, que desde Salomão vem dando com os burros nágua.

O temor do Senhor te levará ao hospital e aos choques elétricos.

Não engulas o ensino sem mastigar. Deus te deu saliva e dentes para que prepares a digestão.

Não dê ouvidos aos sábios nem aos loucos. Aprende por ti mesmo.

Filho meu, não obedeças a Salomão nem ao Chacrinha. Se puseres um diadema na frente e um colar no pescoço, desconfiarão de ti.

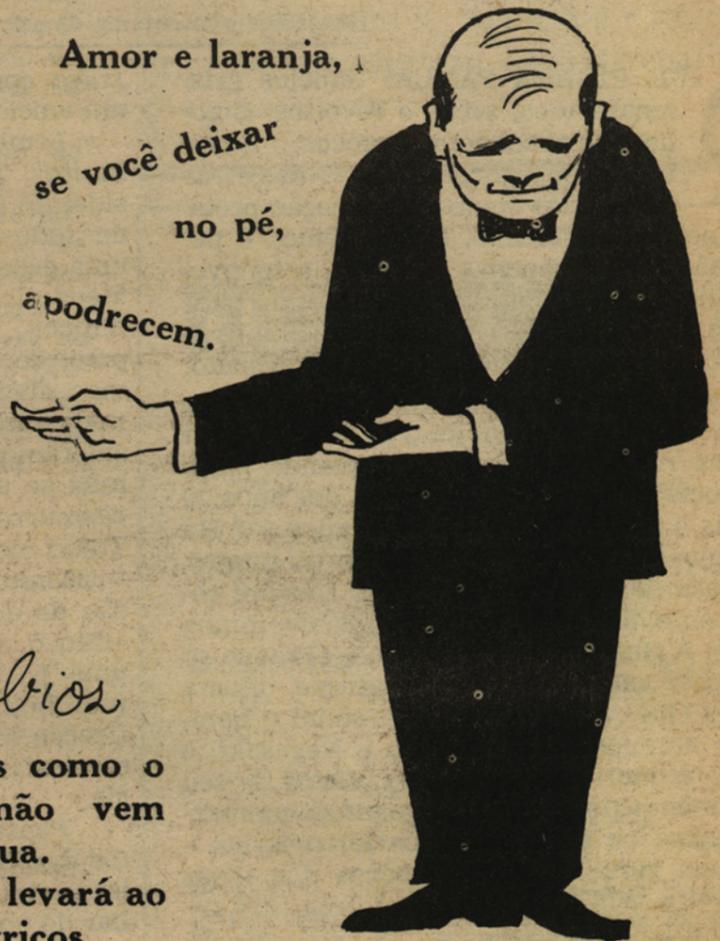
Não caias nessa de «quem não se comunica se trumbica». O homem, como o peixe, morre pela boca. Nunca sabes que ouvidos te ouvem.

Se o pecador quiser seduzir-te, foge dele. Mas se for uma pecadora, pede socorro urgente a Deus. (Eu te conheço!).

Se te disserem: «Vem conosco!» mostra-lhes o bolso vazio e te deixarão em paz.

Filho meu, o Senhor dá a sabedoria, mas cuidado com os intermediários, que cobrarão de ti a comissão.

A sabedoria nasceu no dia em que um menino indio riu do penacho do cacique.



O Sábio Alegre

O verdadeiro sábio sabe rir. O falso sábio anda sempre de carranca fecha-la. Mas o que ri demais disfarça a sua ignorância.

A Ciência é uma menina travessa que tudo pergunta, mexe em tudo e tudo especula.

Quem sabe que sabe não tem medo de dizer que não sabe e rir de si mesmo.

Um sábio carrancudo me disse: «Guarda a seriedade para não caíres no ridículo». Durante anos andei de roupas pretas e carranca fechada. Ganhei tantas medalhas e condecorações que meu peito virou uma vitrina. Mas cai em mim no dia em que um menino me perguntou: «É verdade que só o homem sabe rir?»

Teste o sábio contando-lhe uma anedota.

É preferível fazer piruetas num picadeiro a andar como múmia entre os vivos.

Despertar a alegria do mundo no riso das crianças vale mais que pregar um sermão. Mas se elas não rirem, senta-te na arquibancada, entre elas, para ver se descobres a infância perdida.

O Sexagenário

OLIMPIO MENEZES

(Professor aposentado, 63 anos, São Paulo.)

QUE FIGURA PANÇA! Cabelos gris-amarelados, secos e revoltos. Bigodes e cavanhaque brancos. Rosto balofo, sobrancelhas espetadas atrás do aro dos óculos de armação preta. Nariz meio avermelhado. Corpo retaco e pesado. Mãos com manchas marrons, a terrível ferrugem dos anos, pátina implacável do tempo. Não consigo ver a cor dos olhos, embora saiba que são azuis, de um azul demasiado.

Estou diante de mim mesmo, de corpo inteiro, ante o espelho de parede do Bar Vyck, na rua Marconi. Onde e quando perdi a elegância da juventude, a leveza dos anos 20 e depois o porte ágil e firme dos anos 30? Há muito que não me via assim, de corpo inteiro, nesta fase de ruínas. Certamente sou um remanescente desolado das guerras da minha geração. A Guerra Civil Espanhola (Franco só agora está morrendo, com mais de oitenta anos!) a Guerra de Hitler e Mussolini o bombardeio atômico de Hiroshima e Nagasaki, a Guerra, a incrível Guerra do Vietnã e seu complemento do Camboja. Quantos bombardeios sobre os entrocamentos ferroviários e o sistema geral de comunicações dos meus nervos!

Perdi os meus sonhos de adolescência nos campos de concentração dos nazistas e nos campos de trabalhos forçados dos comunistas. Minhas esperanças queimaram suas asas de borboleta no charuto de Chuchil. Meu sorriso foi esmagado pelas botas alemãs de ocupação da França. Meus poemas de amor foram incinerados nas câmaras de gás de Treblinka. Meus ouvidos se ensurdecaram com as pregações de ódio de Mussolini. Meu nariz perdeu o olfato com o mau cheiro dos expurgos de Stalin. Mas apesar de tudo estou aqui e

trago comigo uma força secreta como a de um vulcão aparentemente extinto. É estranho!

Lembro-me de Papini em "Um Uomo Finito". Todos me vêem por fora e me consideram acabado. No entanto ainda disponho de todos os meus poderes, acrescidos por uma espantosa sedimentação de experiências. Meus olhos não têm mais o brilho de outros tempos, mas vejo mais fundo e com mais precisão. Perdi muito da minha agilidade, mas ainda tenho a suficiente para produzir mais e melhor que um jovem. Em geral, consideram-me sexualmente aposentado, mas... mas se enganam. E apesar de meu aspecto casmurro sei rir e brincar como na juventude. Tomo meus vinhos e trabalho com muito entusiasmo. Vejo que o velho Papini tinha razão de desafiar os jovens do seu tempo. Detesto o meu aspecto exterior e quando topo uma parada vejo que meu entusiasmo não murchou. O que mais detesto é essa classificação idiota de sexagenário, mas não posso me desfazer dela e devo suportá-la com paciência.

Pensei em não voltar mais a este bar que me desafia com seus espelhos insolentes. Mas isso seria covardia. Voltarei aqui para me avaliar de novo diante do espelho. Mesmo porque isso me explica a estranha razão do predomínio dos velhos num mundo de juventude em maioria esmagadora. Os jovens são demasiado afoitos e tolos. Nós, os velhos, temos o traquejo do mundo, conhecemos toda as manhas dos homens e todos os golpes do destino. Tinha razão Ingenieros. Jovens, mesmo, são aqueles que não perdem o entusiasmo e a coragem de viver. Conheço muitos jovens que merecem a classificação que me atribuem. A vida tem a sua técnica e por certo os curtirá, como me curtiu.

Roustaing

O nome de Roustaing é motivo de discórdia no movimento espírita desde o século passado. Isso não teria muita importância, pois num movimento livre, como deve ser o espírita, as discordâncias de opiniões não afetam a essência doutrinária. Reduzem-se a posições pessoais e de grupos. Em São Paulo Roustaing nunca teve curso. Desde Baturra e Cairbar Schutel a obra do pretense superador de Kardec foi considerada, no meio espírita paulista, em sua inegável condição de mistificação. Algumas pessoas que a aceitaram nunca fizeram alarde disso. Pelo contrário, mantiveram-se discretas.

Agora, porém, Roustaing dispõe de um órgão de divulgação em São Paulo: o "Jornal Espírita" lançado pela LAKE (livraria Allan Kardec Editora). E o que é de assombrar é que "Jornal Espírita" faz questão de colocar Roustaing entre as dez maiores figuras da humanidade em todos os tempos e a obra por ele psicografada, "Os Quatro Evangelhos", como um dos dez maiores livros do Espiritismo. Essa colocação absurda ridiculariza o Espiritismo perante as pessoas de bom senso e os meios culturais.

"Jornal Espírita" escolheu conhecido roustainguista, o escritor de livros populares e ingênuos, Ramiro Gama, para entrevistar outros roustainguistas conhecidos como Luciano dos Anjos e Newton Boechat. As perguntas padrões levam os roustainguistas à inevitável consagração de Roustaing, dando ao povo a impressão de uma unanimidade que nunca existiu. Luciano dos Anjos foi posto à margem pela própria FEB (Federação Espírita Brasileira, casa mater do roustainguismo no Brasil) por seu exagerado fanatismo. Newton Boechat é um pregador espírita admirado pelos que gostam de palavreado retórico e emocional, com floreios pseudo-culturais.

Outros virão, por certo, nessa mesma linha, escolhidos a dedo para ocupar a primeira tribuna roustainguista da imprensa espírita paulista. Cumprimos o dever de lembrar aos espíritas e ao público em geral a existência do livro "O Verbo e a Carne", com duas análises rigorosas do roustaingismo, por Julic Abreu Filho e Herculano Pires. Lançado e distribuído pela própria LAKE, antes de sua adesão a Roustaing, na linha editorial de Edições Cairbar, esse livro coloca Roustaing no seu devido lugar, mostrando de maneira irrefutável que a sua obra não passa de grosseira mistificação. Não é possível uma pessoa de bom senso — a menos que esteja sob grave fascinação aceite e proclame uma obra dessa espécie como exponencial na literatura doutrinária. Trata-se de um decalque, de um imitador da obra de Kardec, com todos os enxertos de ridículo e contra-senso que caracterizam as mistificações destinadas a ridicularizar a doutrina.

Os diretores da LAKE e do "Jornal Espírita" assumem a mais grave responsabilidade ao apoiar e divulgar essa obra. Fazem pura e simplesmente um pacto com as trevas, com as forças obscurantistas que lutam para reduzir o Espiritismo à condição de um processo alucinatório do mais baixo e ignorante misticismo, do tipo das explosões místicas sertanejas.

Infelizmente a Federação Espírita de São Paulo não tem mais autoridade para se pronunciar a respeito. Mas a USE, que soube repudiar de maneira decisiva a recente adulteração de O Evangelho Segundo o Espiritismo, deve tomar posição no caso Roustaing.

A editora

PAIDÉIA LANÇA

A AGONIA DAS RELIGIÕES

As religiões estão morrendo. Com elas morre a Civilização. O que virá depois? A morte das religiões encerra um ciclo histórico que abrange o Oriente e o Ocidente. Este é o fato mais importante do nosso tempo, que passa despercebido.

Um estudo objetivo do fenômeno religioso, desde a sua origem até os nossos dias. Sintético, incisivo e veemente. O que é Religião? Qual a sua

natureza real? Porque elas morrem? Qual a sua relação com a Civilização? O que as está matando?

O mais recente, mais penetrante e mais dramático estudo do conhecido escritor

J. HERCULANO PIRES

**Lançamento PAIDÉIA inaugural
Volume Cr\$ 20,00**

CID FRANCO VOLTA A FALAR PELO MICROFONE MEDIÚNICO

Cid Franco faleceu em princípios de 1971. Formado em Direito, professor, escritor e poeta, jornalista e radialista, vereador e deputado em várias legislaturas pelo Partido Socialista Brasileiro, chegou a ser indicado por essa legenda como candidato a Governador do Estado. Uma das figuras mais conhecidas e respeitadas em São Paulo e no Brasil por sua honestidade, sua cultura, sua inteligência brilhante e sua permanente dedicação aos interesses públicos e aos problemas do povo. Levava ao extremo o seu escrúpulo no terreno político a ponto de, sendo espírita, recusar-se a fazer palestras em instituições doutrinárias, vários meses antes de cada eleição, para não envolver sua condição de espírita na propaganda política.

Na noite de 7 de Fevereiro de 1973, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, Chico Xavier recebeu a sua primeira comunicação psicográfica. Tratava-se de um poema em quadras, intitulado "Quem é?". O médium, que só conhecia de Cid Franco poemas livres, de versos longos e sem rimas, como os do seu famoso livro "À procura de Cristo", enviou o original psicografado ao cronista espírita do "Diário de São Paulo, Irmão Saulo, dizendo que o fazia a mandado do próprio Cid Franco.

Percebendo a dúvida do médium, Cid lhe dissera que o cronista estava em condições de explicar-lhe a aparente contradição.

CID E A TROVA

O cronista respondeu ao médium esclarecendo que Cid Franco tinha verdadeira paixão pela trova, tanto que publicara um livro com o título de "Trovas para o meu Senhor", que o médium não conhecia. Amigo íntimo de Cid Franco, o cronista conhecia outros livros de trovas de sua autoria, inclusive um ainda não publicado. Os originais da psicografia mostravam uma caligrafia que o cronista estranhou, mas a assinatura de Cid era idêntica a dele em vida. Confrontando a psicografia com a dedicatória que Cid lhe fizera, dos três volumes de sua última obra, o "Dicionário de Expressões Populares Brasileiras", editado pelo Fundo Estadual de Cultura, com prefácio do Prof. Silveira Bueno, o cronista verificou que a letra e assinatura coincidiam com as da dedicatória. Cid achava-se internado na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e sua caligrafia mostrava-se alterada pela doença que o vitimou.

Levado o fato ao conhecimento de D. Alice Franco, viuva do poeta, esta compareceu à casa do cronista, acompanhada de seu filho Walter Franco, consagrado compositor musical. Ambos, profundamente emocionados, reconheceram a identidade da mensagem, não só pela grafia, mas também pela temática e o estilo do poeta. Mostraram-se bastante comovidos e o cronista entregou os originais psicográficos a ambos. No programa "Xênia e Você", do Canal 13, Televisão Bandeirantes, o Prof. Herculano Pires apresentou o caso, exibindo o confronto de assinaturas e caligrafia. O fato teve grande repercussão em São Paulo e o poema foi também publicado, com um comentário do cronista, no "Diário de São Paulo".

CONDIÇÕES DA LIBERDADE

Outros poemas de Cid Franco, foram posteriormente recebidos por Chico Xavier e divulgados na crônica espírita do referido jornal.

Um deles, no estilo de versos livres e longos, dava uma interpretação espiritual da situação do mundo contemporâneo e suas desnorteantes contradições. Perfeitamente entrosado no estilo e na maneira de pensar do poeta em vida.

Na edição de 21 de Setembro último, do "Diário de São Paulo", o cronista Irmão Saulo publicou novo poema de Cid, recebido por Chico Xavier no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba. Nesse poema Cid coloca o problema das condições da liberdade. Reproduzimos abaixo o poema: "Quem é?", que oferece ao leitor uma verdadeira síntese poética do problema de nossas relações com o "outro", segundo a concepção evangélica e existencial, que coincidem com a concepção espírita.

QUEM É?

Cid Franco

O outro!... Sabes quem é?
Por trás de quanto se vê,
É quem nos clareia a fé
Sem que se saiba com que...

Aquele que vai contigo
No mesmo carro assentado,
É quem segue ao desabrigo
E nunca viste ao teu lado.

É o portador de uma prova
Que te surge, de improviso,
É o irmão que te renova
No reconforto preciso.

É o companheiro que indaga
E aquele que te responde,
É o pedinte aberto em chaga
Que vive não sabes onde...

É o grande homem da praça
Que espalha força e renome,
É o peregrino que passa
Cansado de febre e fome.

É aquele que te injuria
A verbo de fel e brasa,
É quem te perturba e guia
Por dentro da própria casa.

É a mulher, é o pequenino,
E o jovem de sonho em flor,
É o doente em desatino,
O amigo e o perseguidor...

É quem cria amor e paz,
Quem te bate ou te maldiz,
É a pessoa que te faz
Feliz ou menos feliz.

O outro é o próximo... Alguém
Que nos revela em ação
Quanto já temos de bem
Nas trilhas da evolução.

SINDICATO MADURO

A posição do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, no caso Herzog, demonstrou que a serenidade, o bom senso, o anseio de ordem e paz que anima a maioria absoluta da classe estão bem representados na sua atual diretoria. Num momento extremamente difícil, o presidente Audálio Dantas, com o apoio dos companheiros de direção da entidade, conseguiu controlar a situação com medidas acertadas e criteriosas, salvaguardando a dignidade da classe e colocando o problema em termos de solução racional. A razão superou a paixão, contendo os ímpetus inevitáveis em situações dolorosas e surpreendentes.

Numa hora de agitações mundiais assustadoras, em que os responsáveis pela opinião pública, como o são os jornalistas, lidam, por assim dizer, com material altamente inflamável, nossa terra conseguiu preservar o seu equilíbrio interno.

AGUARDEM

MENSAGEM de Janeiro em edição comemorativa do Natal de São Paulo, rememorando o tempo em que a metrópole nasceu da conjugação telúrica e racial da terra com o mar.

Poesia, sonho, ternura e heroísmo que nos alertam para as realizações do futuro.

mensagem

jornal de cultura

(Edição: G. E. CAIRBAR SCHUTEL)

Diretor: J. HERCULANO PIRES
Secretário: CARLOS CORRÊA DE OLIVEIRA
Redação: COLEGIADA (COPY-DESK)
Diagramação: CELSO SUYAMA
Ilustração: ÍCARO
Administração: A. C. MOLINA, H. FERRAZ
PIRES, ANTONIO TERENCE

—:—

DISTRIBUIÇÃO:

São Paulo — Salvador França Pinto,
Av. Cásper Líbero, 52 - box 3

BRASIL — Rio de Janeiro e demais Estados (exclusividade) — SM Distribuidora de Publicações Ltda. — Av. Afonso de Taunay, 43 Barra da Tijuca — Fones: 399-2199 e 339-0689. CEP 20.000 — Rio de Janeiro (RJ)

—:—

REDAÇÃO: São Paulo, Rua Dr. Bacelar nº 505 — Vila Clementino — CEP 04026

Composto e impresso por:
JORNAL PAULISTA LTDA.
Rua Oscar Cintra Gordinho, 46
SÃO PAULO

—:—

MENSAGEM é um jornal da Era Cósmica. Sem preconceitos, sem partidarismos, objetivando a humanização do homem e sua integração na realidade global de espírito e matéria, as duas constantes dialéticas do Universo. Colabore com MENSAGEM, ajude o mundo a melhorar. Propague MENSAGEM.

Assinaturas individuais Cr\$ 30,00
Assinaturas grupais (p/ instituições culturais) de 20, 30, 50 ou mais exemplares, remetidas pelo reembolso postal... Desconto de 30% por exemplar.

Colecione MENSAGEM — seu formato tablóide permite a encadernação cômoda e artística. Faça a sua ENCICLOPÉDIA MENSAGEM, que se atualiza ao ritmo do tempo.

Projetos e Decorações

A. TERENCE
CORTINAS E ESTOFADOS

Av. Adolfo Pinheiro, 1037
Fone: 247-1592 - Sto. Amaro - S.P.

PINTURA 13000

GELADEIRA, MAQUINA DE LAVAR, ARMÁRIO DE AÇO, LAQUEAÇÃO, PINTURAS DE RESIDENCIA EM GERAL. Falar c/ Marco. FONE: 65-1634.

OS MONSTROS TECNOLÓGICOS

A mentalidade política do nosso tempo está ainda demasiado presa aos esquemas rígidos do século passado. Sem menosprezar os fatores econômicos, podemos lembrar a importância dos fatores morais, (esses, sim, inteiramente esquecidos) nas tentativas de solução dos graves problemas sociais em que nos enredamos cada vez mais. Praticamente, a problemática mundial foi colocada por Marx em termos econômicos de maneira definitiva. Todos os esforços para superar a colocação marxista caem do outro lado da fronteira na guerra ideológica. O esquema em que nos debatemos, num século de grandes aberturas culturais e avanço tecnológico bastante complexo, é de tal maneira simplório que, quando tomamos consciência disso, sentimos calafrios.

A vocação francesa para a liberdade, inegável herança ateniense, mantém na França uma situação curiosa. De um lado estão as correntes do pensamento liberal, acusadas de retrógradas. De outras correntes que preferem a herança espartana do estatismo econômico-político. Sartre encarnou bem, no plano do pensamento e da ação, o conflito da consciência francesa contemporânea. Encontrou no pensamento existencial o seu verdadeiro habitat intelectual, transformou o Existencialismo num enclave do Marxismo e por fim rompeu com este, propondo-lhe uma reformulação liberalista, que o deixou numa terra-de-ninguém, solitário entre dois fogos. Simone de Beauvoir figurou bem essa posição difícil no personagem Robert Dubreuilh e no seu companheiro Henri Perron, em "Les Mandarins".

Os debates na imprensa francesa mostram claramente o impasse em que nos colocamos. O anseio pela justiça social radicaliza a posição de socialistas e comunistas, enquanto o anseio pela liberdade individual radicaliza as correntes contrárias, nas quais os direitistas em minoria são enquadrados de mau grado. O mesmo se passa em todo o mundo, com lamentáveis consequências, pois o radicalismo leva sempre a resultados extremistas, com o esmagamento não só da liberdade humana mas da própria condição humana. Os homens, fechados no beco sem saída das posições irreduzíveis, perdem a cabeça e retornam à bestialidade, tripudiando sobre as mais nobres conquistas da civilização.

É incrível como a paixão ideológica leva à cegueira mental, impedindo que as contradições dessa dialética infernal atinjam a síntese que o próprio desenvolvimento tecnológico está indicando. Mas ultimamente tem surgido alguns lampejos animadores em nossa imprensa. Leio ainda agora, na derradeira página de "L'Express", como um reflexo no fundo do poço, não um artigo ou ensaio esclarecedor, mas a carta de um leitor que censura a posição radical de um artigo anteriormente publicado. Esse leitor (Jean Lu-

mensagem

Ano I — Número
Natal/Dezembro 75 6
São Paulo - Brasil

ROBERT HENRI FOURCADE

(PARIS, Novembro. Especial para MENSAGEM.)

dovic Silicani, de Paris) defende o liberalismo político e censura o articulista por haver permanecido apegado ao radicalismo econômico, perguntando aos responsáveis pela revista: "Seriez-vous marxistes?" Fazendo a apologia do "liberalismo avançado", procura justificar a posição da França no desenvolvimento atual de uma política de meio-termo. Transcrevo o tópico dessa carta que me parece mais expressivo:

"Desde o início identificais liberalismo e capitalismo. Porque razão reduzis a sociedade às suas estruturas econômicas? Sereis marxistas? O mérito de Giscard D'Estaing é haver dado, em França, ao termo liberalismo, um significado muito mais amplo que o de uma teoria econômica. O liberalismo é uma filosofia (a do respeito ao indivíduo, da tolerância...). A sociedade liberal avançada é a aplicação concreta dos seus princípios às sociedades desenvolvidas."

Como se vê, a concepção liberalista na França começa a superar as restrições teóricas do século passado para adaptar-se às exigências novas e cada vez mais exigentes do desenvolvimento tecnológico. Para explicar isso o leitor enumera os vários casos em que a intervenção do Estado na economia privada constitui uma necessidade da própria preservação da liberdade individual. Enquanto se proclama, no mundo inteiro, a morte do liberalismo, asfixiado pela técnica, o pensamento francês encontra, no próprio desenvolvimento tecnológico, os motivos determinantes de uma revivescência das idéias liberais.

REMEMENDO AO MARXISMO

"Os movimentos revisionistas e as tentativas de aplicação de remendos ao Marxismo, como no caso do movimento Economia e Humanismo ou no próprio caso do enclave de Sartre, fracassaram em virtude de sua própria condição de remendos. Todos eles partiam do pressuposto da "verdade do Marxismo", mantendo assim o esquema político simplório de Comunismo versus Capitalismo. O tempo incumbiu-se de demonstrar, de maneira inexorável, através da História contemporânea,

que a verdade marxista é apenas uma meia-verdade. Uma Economia que se arvora em Filosofia negando a essência do homem não passa de um equívoco, por mais logicamente estruturada que se apresente. A contribuição de Marx tem os seus limites fatais no plano econômico. A teoria dialética das classes sociais é um achado político de grande efeito, mas pressupõe a simples substituição de uma classe por outra no plano social, com a inevitável transferência dos poderes de uma para outra. Os privilégios mudam apenas de mãos. Foi assim no exemplo histórico da ascensão da burguesia e o mesmo está ocorrendo na suposta sucessão da burguesia pelo proletariado. Mudanças puramente estruturais não resolvem o problema.

A proposição francesa de Kardec abre uma perspectiva inteiramente nova, que o delírio do materialismo rejeitou como manobra metafísica. Hoje a própria Física está demonstrando a possibilidade da sobrevivência humana em outras dimensões da matéria. O problema social não pode mais sustentar-se numa visão existencial acanhada. A evolução da sociedade não depende apenas dos fatores externos, dos meios de subsistência física e dos recursos da produção. A humanidade está crescendo, tornando-se adulta, e tem de abandonar os seus brinquedos materiais para tratar a sério dos problemas morais que determinam o comportamento humano através de idéias, aspirações e esperanças.

Toda e qualquer solução de força no plano social leva fatalmente a sistemas de poder mais asfixiantes. As coordenadas da evolução humana não se reduzem ao plano material. Uma sociedade materialmente bem estruturada, se não se constituir de criaturas moralmente elevadas, recairá fatalmente nos vícios e na desordem das sociedades inferiores. Com isso não quero sustentar a indiferença ou a abstinência em matéria política, mas chamar a atenção dos estudiosos (se possível) para o fato de que toda estrutura social reflete o homem que a constitui. Não podemos querer formar o homem ideal numa sociedade imperfeita. Mas podemos buscar a solução de uma fórmula de equilíbrio, recorrendo aos princípios do liberalismo a que aludiu o leitor de "L'Express", ou seja: o respeito ao indivíduo e a tolerância.

Kardec insistiu no lema: "Trabalho, solidariedade e tolerância". Temos no trabalho a base material da sociedade, na solidariedade humana o elemento fundamental de aglutinação social e na tolerância recíproca o princípio moral do respeito aos outros, para que também sejamos respeitados. Se não visarmos primeiro a esses objetivos, não chegaremos jamais à solução dos nossos problemas. O desenvolvimento tecnológico poderá transformar-nos em monstros. Chegaremos então à infra-sociedade dos monstros tecnológicos.

